



**JOSIELIO PEREIRA MARINHO
LINDUARTE PEREIRA RODRIGUES**

**O GÊNERO DRAMÁTICO NA AULA DE LÍNGUA
PORTUGUESA DO ENSINO FUNDAMENTAL**

JOSIELIO PEREIRA MARINHO
LINDUARTE PEREIRA RODRIGUES



(Foco sobre o cantador)

– Serra acima está Car
Grande é a sua feira
tem gente de toda classe
da primeira à derraden

– Tem gente besta e sabida
analfabeto e doutor
suspirando ombro a ombro
segundo as leis do Senhor.

Uns traz fardo na cabeça
no balaio, no caçoá
trouxa, embrulho, saco, cesta
tudo serve é só pegar.



**O GÊNERO DRAMÁTICO NA AULA
DE LÍNGUA PORTUGUESA DO
ENSINO FUNDAMENTAL**



MÓDULO DIDÁTICO



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

Créditos do Projeto

Projeto Gráfico e Autores:
Josielio Pereira Marinho
Linduarte Pereira Rodrigues

Ilustração: Canva Pro

Feito com recursos visuais do 

EDITOR-CHEFE

Geison Araujo Silva

CONSELHO EDITORIAL

Ana Carla Barros Sobreira (Unicamp)	Lucélia de Sousa Almeida (UFMA)
Bárbara Olímpia Ramos de Melo (UESPI)	Manuel Bandeira S. Neto (UECE)
Diógenes Cândido de Lima (UESB)	Marcel Álvaro de Amorim (UFRJ)
Jailson Almeida Conceição (UESPI)	Meire Oliveira Silva (Unioeste)
Jane Cristina Beltramini Berto (UFRPE)	Miguel Ysrrael Ramírez Sánchez (México)
José Roberto Alves Barbosa (UFERSA)	Rita de Cássia Souto Maior (UFAL)
Joseane dos Santos do E. Santo (UFAL)	Rosangela Nunes de Lima (IFAL)
Julio Neves Pereira (UFBA)	Rosivaldo Gomes (UNIFAP/UFMS)
Juscelino Nascimento (UFPI)	Silvio Nunes da Silva Júnior (UFAL)
Lauro Gomes (UPF)	Socorro Cláudia Tavares de Sousa (UFPB)
Leticia Carolina P. do Nascimento (UFPI)	Waldemar Borges de Oliveira Júnior (UNIFESSPA)

Projeto gráfico e diagramação: Os autores.

Revisão: Os autores.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Marinho, Josielio Pereira; Rodrigues, Linduarte Pereira

O gênero dramático na aula de língua portuguesa do ensino fundamental (livro eletrônico) / Josielio Pereira Marinho, Linduarte Pereira Rodrigues. -- Tutoia, MA : Editora Lupa, 2024.

PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-5218-031-5

1. Cultura popular 2. Dramaturgia 3. Língua portuguesa (Ensino Fundamental) 4. Linguagem e cultura 5. Teatro (Ensino Fundamental) I. Marinho, Josielio Pereira. II. Rodrigues, Linduarte Pereira. III. Título.

25 - 247117

CDD - 372 . 6

Índices para catálogo sistemático:

1. Língua portuguesa ; Ensino fundamental 372.6
Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB - 8/9380



Rua Celso Fonseca, 456, Centro, Tutóia/Maranhão, 65580-000
contato@editoralupa.com.br | www.editoralupa.com.br



Este livro é uma produção do grupo de pesquisa
TEOSSENO - Teorias do sentido: discursos e
significações da UEPB/CNPq

SOBRE OS AUTORES



Mestre em Educação pelo Programa Pós-Graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba, linha de pesquisa Linguagens, Culturas e Formação Docente. Graduado em Letras - Língua Portuguesa - pela Faculdade de Linguística, Letras e Artes da Universidade Estadual Paraíba. Membro do grupo de pesquisa Teorias do sentido: discursos e significações (TEOSSENO-CNPq-UEPB). Atua como professor de Língua Portuguesa na Educação Básica.



Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. Professor da Faculdade de Linguística, Letras e Artes e dos Programas de Pós-Graduação em Formação de Professores e Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba. Líder do grupo de pesquisa Teorias do sentido: discursos e significações (TEOSSENO-CNPq-UEPB).



Apresentação

Querid@ alun@,

FIQUE AGORA ATENTO
AO QUE VAI ACONTECER
VAMOS INICIAR UM PROJETO
QUE VAI TE SURPREENDER
A IMAGINAÇÃO VAI FLUIR
E A MEMÓRIA FLORESCER.

NA LINGUAGEM QUE USAMOS
FALA BOCA E CORAÇÃO
FALA CORPO, FALA PALAVRA
FALA A NOSSA TRADIÇÃO
DA CULTURA POPULAR
FALA A FORÇA DA EMOÇÃO

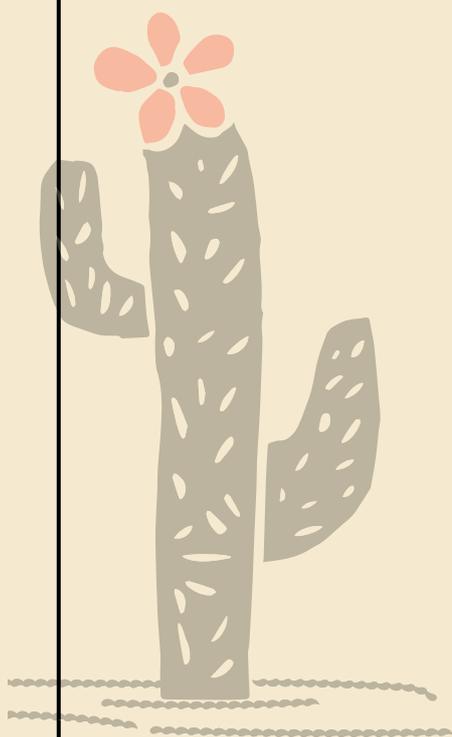
NORDESTINO É LUTA E FORÇA
DIGO SEM MEDO DE ERRAÇ
É UM POVO RESISTENTE
QUE SABE A VIDA ENCARAR
E FAZ DA NOSSA CULTURA
TODA TRADIÇÃO POPULAR.

O NORDESTE É ABENÇOADO
TEM COISA PRA DÁ E VENDER
ARTESANATO, FORRÓ E EMBOLADA
CULINÁRIA BOA DE COMER
ARTISTAS E DRAMATURGIA
TUDO PRA LHE ENTRETER.

NESSA VIAGEM EMOCIONAL
LÚDICA E CULTURAL
AS PALAVRAS VÃO DIZER
DE UMA FORMA NATURAL
QUE É A VOZ DO NOSSO SER
EM DRAMATURGIA CULTURAL

A GRANDE LOURDES RAMALHO
CANTOU O NORDESTE DA GENTE
ECOANDO TODA BELEZA
DE UMA FORMA ARDENTE
INTITULADA "A FEIRA"
EITA OBRA COMOVENTE.

POR AQUI VAMOS FICANDO
JÁ VAI ME DANDO SAUDADE
MAS EU QUERO LHE DIZER
TUDO QUE TENHO VONTADE
NOSSA ARTE POPULAR
GRITA COM DIGNIDADE.





Sumário

UNIDADE I - CULTURA E LINGUAGEM

A RELAÇÃO ENTRE CULTURA E LINGUAGEM	09
CULTURAS COM S NO FINAL.....	12
LINGUAGEM E IDENTIDADE NA CULTURA POPULAR.....	14

UNIDADE II - O GÊNERO DRAMÁTICO EM CENA

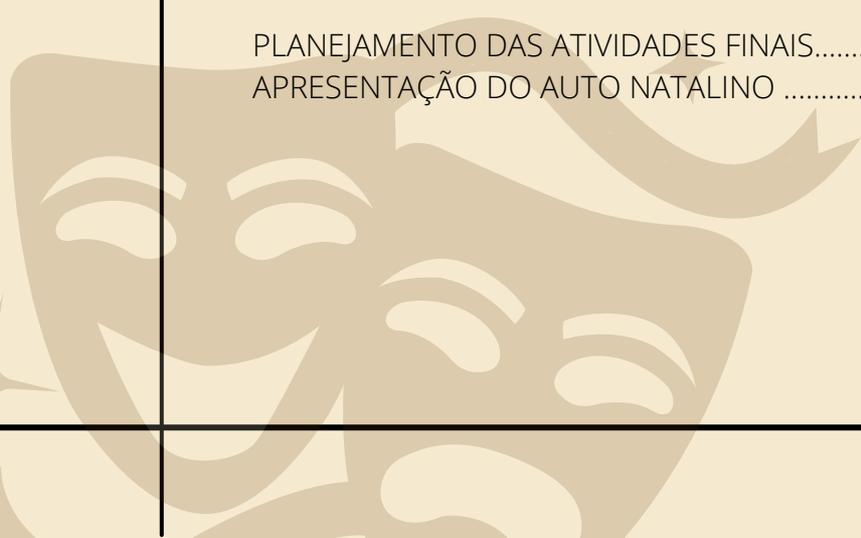
TEATRO, HISTÓRIA E REPRESENTAÇÕES CÊNICAS.....	27
O TEXTO TEATRAL EM AÇÃO	30
TEATRO PARAIBANO DE LOURDES RAMALHO	33
RODA DE LEITURA E ANÁLISE DA OBRA A FEIRA	35
AUTO NATALINO: ADAPTAÇÃO DO TEXTO TEATRAL	42

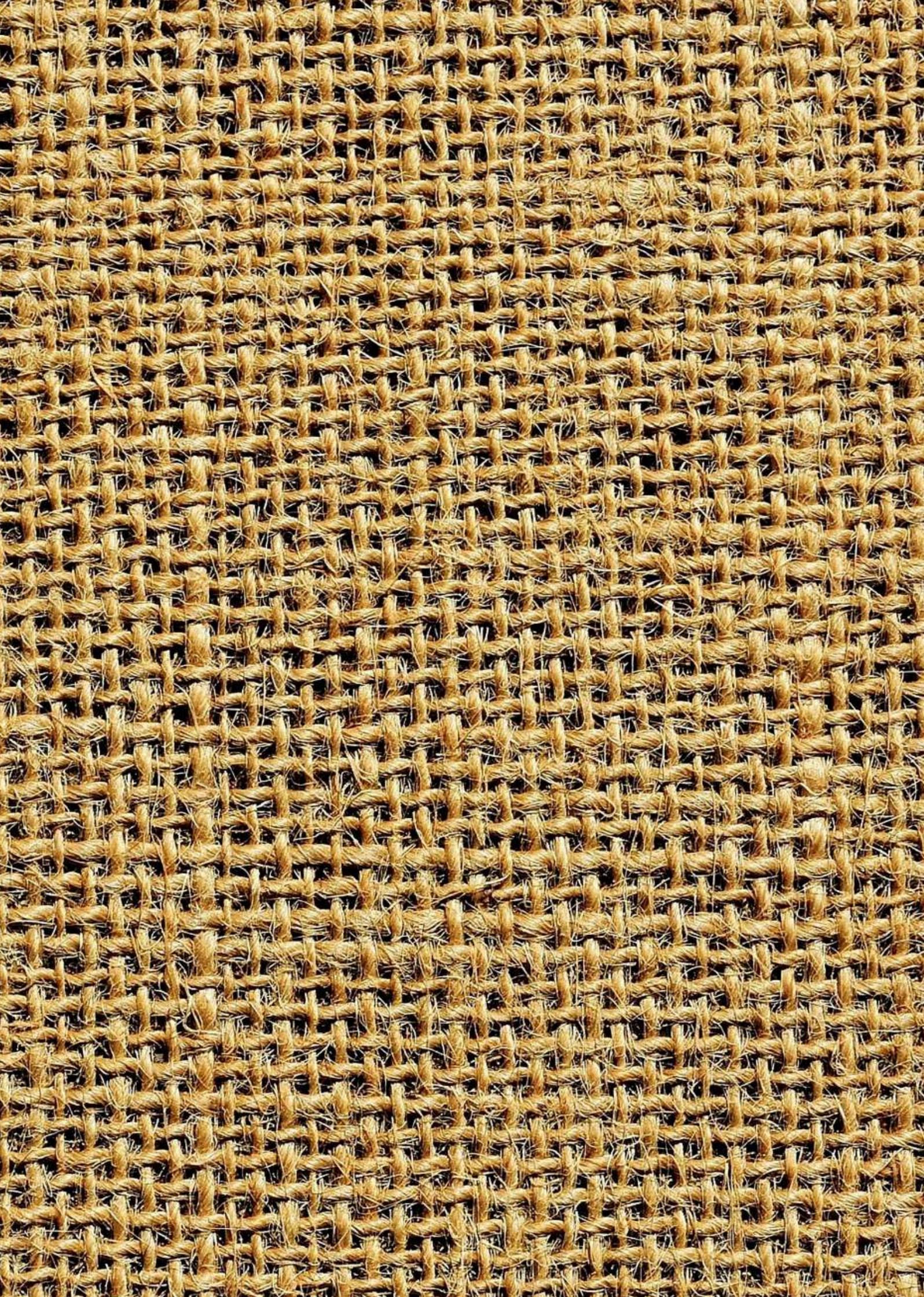
UNIDADE III - A FEIRA DE CAMPINA GRANDE: MEMÓRIAS E CULTURA POPULAR

CULTURA POPULAR, TRADIÇÃO E MEMÓRIA	47
RODA DE LEITURA E ANÁLISE DO TEXTO TEATRAL A FEIRA	52

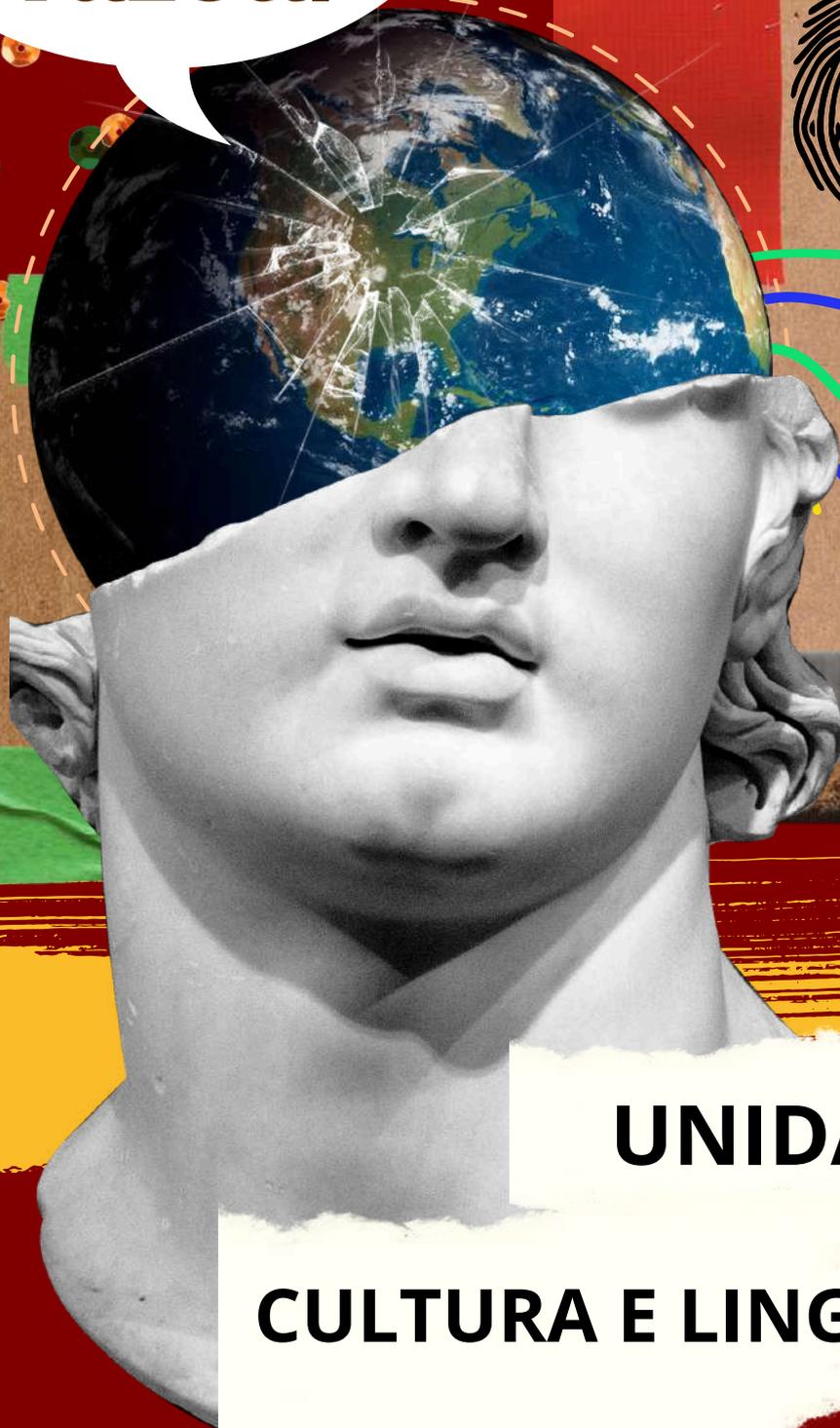
UNIDADE IV - ENCENANDO O TEXTO TEATRAL

PLANEJAMENTO DAS ATIVIDADES FINAIS.....	57
APRESENTAÇÃO DO AUTO NATALINO	59





**Atirei no
mar, o mar
vazou.**



UNIDADE I

CULTURA E LINGUAGEM

A relação entre Cultura e Linguagem



Frequentemente ouvimos o termo cultura sendo associado à pessoas cultas, que tiveram a oportunidade de estudar e detém muito conhecimento sobre diversos assuntos ou até mesmo relacionado à manifestações artísticas. Porém, cultura é algo que faz parte do que nós somos e, por isso, todos somos seres culturais. Sabia disso?

Desde os primórdios, o homem sempre teve a necessidade de se comunicar e isso ocorreu por inúmeras formas ao longo da história, como por exemplo: na pintura, escultura, escrita, dança etc. Assim, diversas sociedades foram criadas e com elas, por meio das linguagens, o homem foi desenvolvendo hábitos, crenças e valores que os localizavam e identificavam em grupos sociais múltiplos. Ainda hoje, realizamos ações que revelam nossas origens, pois também um dia já foram executadas por nossos ancestrais. Quando pensamos nas manifestações artísticas citadas acima, se olharmos com atenção, iremos perceber que elas revelam a necessidade do homem de estabelecer comunicação ou expressar suas impressões de mundo através da língua(gem).

Refletindo um pouco mais sobre a importância da linguagem e a relação do homem ao longo das civilizações, a filósofa Marilena Chauí explica, em seu livro "Convite à Filosofia" (2008), que a necessidade de expressar e se comunicar, desde o período primitivo, fez surgir a linguagem por meio da relação do homem com o mundo.





A palavra cultura, do latim *colere*, está relacionada ao ato de cultivar ou preservar algo, seja por meio de ideias ou até mesmo de artefatos que identificam um povo. Desta forma, cultura é a capacidade do homem se relacionar com o outro, com o mundo que o cerca.

Ampliando essa discussão, que tal você assistir ao vídeo da filósofa Marilena Chauí falando sobre cultura?

O vídeo apresenta uma breve discussão sobre o que a filósofa pensa em relação a concepção de cultura. Além disso, explica a importância da cultura popular vista como forma de resistência pelas classes populares ao definir e defender os seus valores. Para assistir ao vídeo aponte o QR CODE da figura 11.



Figura 1: Ilustra o vídeo sobre concepção de cultura por Marilena Chauí

ATIVIDADE I

1) A partir do que observou no vídeo, descreva suas impressões sobre cultura e linguagem.

A influência cultural na Língua Portuguesa

Falar em cultura e identidade brasileira é perceber que somos resultado de várias etnias que nos torna únicos, tendo em vista que algumas delas tiveram uma forte influência na construção social, cultural e linguística do Brasil. Assim, etnias indígenas, africanas e portuguesas etc. fazem parte deste processo histórico em nossa formação e identidade.



Certamente você já deve ter ido a feira central de Campina Grande, e ouvido ou falado palavras como: cará, mandioca, jerimum, guaraná, pitanga ou dito para seus amigos e familiares termos como: capenga, arapuca, jururu, nhenhém, entre outros. Essas palavras são de origem indígena e fazem parte da linguagem que utilizamos cotidianamente até hoje. Outro exemplo, resultante dessa aquisição da linguagem que herdamos dessas matrizes estão presentes nas palavras de origem africanas advindas da época da escravidão que ocorreu aqui no Brasil, são elas: samba, candomblé, cachaça, muvuca, fubá etc. Tem uma infinidade de palavras que influenciaram nosso vocabulário e faz da língua portuguesa essa pluralidade linguística.

Por falar em língua portuguesa, o que herdamos dos portugueses? Além dos aspectos culturais muito evidentes em nosso cotidiano como o carnaval e festa junina, amplamente comemorados no Nordeste, há uma forte influência dos portugueses na língua que falamos. Todo esse processo histórico que já conhecemos bem revela ao longo do tempo uma variação linguística e cultural que torna o Brasil um país multicultural. Deste modo, podemos perceber que a influência de vários povos vindos de outros territórios influenciaram no surgimento de novos dialetos, sotaques e palavras da língua portuguesa. Para ampliar os seus conhecimentos, assista ao vídeo que ilustra justamente essa discussão. Para isso, aponte a câmera do seu celular para o QR CODE.

Figura 2: Ilustra o vídeo sobre a diversidade brasileira.



Escaneie o QR CODE



Culturas com S no final

Cultura da Região Nordeste

Os estados que compõem a região Nordeste são: Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe. Esse complexo regional apresenta grande diversidade cultural, composta por manifestações diversificadas. Portanto, serão abordados alguns dos vários elementos culturais da região em destaque:

O carnaval é o evento popular mais famoso do Nordeste, especialmente em Salvador, Olinda e Recife. Milhares de turistas são atraídos para o carnaval nordestino, que se caracteriza pela riqueza musical e alegria dos foliões. O coco também é conhecido por bambelô ou zamba. É um estilo de dança muito praticado nos estados de Alagoas, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte. A dança é uma expressão do desabafo da alma popular, da gente mais sofrida do Nordeste brasileiro. É uma dança de roda ou de fileiras mistas, de conjunto, de pares, que vão ao centro e desenvolvem movimentos ritmados.

O maracatu é originário de Recife, capital de Pernambuco, surgiu durante as procissões em louvor a Nossa Senhora do Rosário dos Negros, que batiam o xangô, (candomblé) o ano inteiro. O maracatu é um cortejo simples, inicialmente tinha um cunho altamente religioso, hoje é uma mistura de música primitiva e teatro. Ficou bastante conhecido no Brasil a partir da década de 1990, com o movimento *manguebeat*, liderado por Chico Science e Nação Zumbi, Mundo Livre S/A, entre outros.

O Reisado, ou Folia de Reis, é uma manifestação cultural introduzida no Brasil colonial, trazida pelos colonizadores portugueses. É um espetáculo popular das festas de natal e reis, cujo palco é a praça pública, a rua. No Nordeste, a partir do dia 24 de dezembro, saem os vários Reisados, cada bairro com o seu, cantando e dançando. Os participantes dos Reisados acreditam ser continuadores dos Reis Magos que vieram do Oriente para visitar o Menino Jesus, em Belém.

As festas juninas representam um dos elementos culturais do povo nordestino. Essa festa é composta por música caipira, apresentações de quadrilhas, comidas e bebidas típicas, além de muita alegria. Consiste numa homenagem a três santos católicos: Santo Antônio, São João e São Pedro. As principais festas juninas da região Nordeste ocorrem em Caruaru (PE) e Campina Grande (PB).

O artesanato da região Nordeste é muito variado, destacam-se as redes tecidas, rendas, crivo, produtos de couro, cerâmica, madeira, argila, as garrafas com imagens produzidas de areia colorida, os objetos feitos a partir da fibra do buriti, entre outros

Fonte: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/cultura-regiao-nordeste.htm>. [Adaptado]

Observe as imagens a seguir:



Fonte: <https://www.cariacajal.com.br/educacao/no-passo-da-sombria/>

Figura 3: Frevo



Fonte: <https://aventurasnahistoria.tui.com.br/noticia/reportagem/capoeira-a-arte-reenxada.html>

Figura 4: Capoeira



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Figura 5: Feira de Campina Grande



Fonte: <https://www.pneologia.com.br/pt-br/interesses/cultura/regionais/literatura-de-cordel-historia-curiosidades.aspx>

Figura 6: Literatura de Cordel

A **figura 3** trás uma representação do gênero musical brasileiro conhecido como frevo que é muito comum de ser ouvido e dançado em Pernambuco. Já **Figura 4**, trás a representação da capoeira, uma expressão da cultura popular brasileira que mistura arte, dança, luta, tendo como representação de sua expressividade o Estado da Bahia. Na **figura 5**, temos a feira central de Campina Grande, símbolo de memória e identidade na região do Agreste paraibano. A feira é um verdadeiro espaço para cultura popular e manifestações artísticas. Na **figura 6**, temos a literatura de cordel, símbolo da cultura popular nordestina que traz nos verso e nas rimas as histórias e tradições do seu povo.

ATIVIDADE II

1) Dentre as figuras anteriormente apresentadas, qual chamou mais sua atenção? Comente a baixo a que representa uma prática comum no cotidiano de sua família.

Linguagem e identidade na cultura popular

VOCÊ NÃO PERGUNTOU, MAS VOU FALAR! ONDE ENTRA O PAPEL DA LINGUAGEM NA CULTURA POPULAR?



Pensar em cultura popular é compreender que estamos inseridos em uma sociedade que é plural. Já parou para pensar que somos completamente diferentes uns dos outros? A forma como fomos educados, os valores aprendidos, as crenças ensinadas são particulares em muitos aspectos. Porém, o que não podemos esquecer é que precisamos ter um olhar sensível para o mundo que nos cerca; perceber que existe uma diversidade cultural ao nosso redor e para isso, é necessário que haja o respeito pelas diferentes manifestações culturais.

Perceber essa diversidade expressa através da linguagem presente na literatura de cordel, nos objetos produzidos pelos artesãos ou até mesmo nas cantorias realizadas pelos emboladores de coco é compreender que estamos inseridos em um universo cada vez mais plural.

Ao longo do tempo, diversas sociedades buscaram estabelecer seus próprios valores, crenças e saberes que foram passados e modificados ao longo das gerações. Essa forma própria que cada grupo, em diferentes épocas e etnias, encontraram para deixar impresso sua identidade é o que nos torna singulares no mundo. Perceber que não existe uma cultura superior ou inferior, mas sim uma pluralidade cultural é o que nos levará para o caminho do respeito e da aceitação pelo que é diferente.



Pensar no Nordeste do Brasil é perceber que esta região concentra uma cultura diversa. Um bom exemplo dessa diversidade está presente nas expressões e gírias populares utilizadas pelos falantes nordestinos. Assista ao vídeo que fala sobre essa diversidade linguística. Será que os elementos característicos dessa região são comuns para você? Aponte sua câmera para o QR CODE da figura 13 e boa leitura.



Figura 7: Ilustra o vídeo sobre linguagem nordestina





O que é charge?

Charge é um gênero textual cuja intencionalidade principal é fazer uma crítica por meio do humor. As charges destacam-se pela criatividade e abordagem de temas da atualidade. Os personagens geralmente são desenhados seguindo o estilo de caricaturas. Geralmente, abordam diversos temas, tais como assuntos do cotidiano, política, futebol, economia, ciência, relacionamentos, artes, consumo, etc. Normalmente representam personalidades públicas. Elas podem ser constituídas por apenas **linguagem não verbal** (aquela expressa por meio de palavras e frases escritas ou falada), no entanto é mais comum apresentar **linguagem verbal** (utiliza dos signos visuais para ser efetivada, por exemplo, símbolos, gestos, figuras) e não verbal ao mesmo tempo.

Disponível em https://sme.goiania.go.gov.br/conexaoescola/ensino_fundamental/o-que-e-charge/ [Adaptado]

ATIVIDADE III

1 - De acordo com a leitura da charge ao lado, responda:

a) Na charge, o paciente tenta explicar ao médico o que ele está sentido. Quais palavras são ditas pelo paciente que geram humor na charge?



Fonte: <http://linguisticainordeste.blogspot.com/2017/>

b) como você definiria a linguagem do humor? consulte um dicionário.

c) Qual a mensagem principal do texto?

Refletindo sobre a relação da linguagem nas manifestações artísticas populares



A cultura popular representa um conjunto de saberes determinados pela interação dos indivíduos. Ela reúne elementos e tradições culturais que estão associados à linguagem popular e oral. Assim, a cultura popular inclui o folclore, o artesanato, as músicas, as danças, as festas, dentre outros.

O folclore, utilizado como sinônimo da cultura popular, é composto por um conjunto de lendas e mitos transmitidos entre gerações e representam a herança cultural e social de um povo.

Vale observar que o termo cultura é muito amplo e reúne comportamentos, símbolos e práticas sociais. Trata-se, portanto, de um conjunto de fatores que compõem uma sociedade, como por exemplo, saberes, crenças, costumes e tradições de determinado povo. Destacam-se literatura, música, teatro, dança, culinária, religião, etc.

Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/cultura-popular/>. Acesso em 01 de Agosto de 2022

CONSTRUINDO DIÁLOGOS



A linguagem está muito presente nas diversas manifestações artísticas e culturais. A literatura de cordel, por exemplo, reflete bem as tradições populares do Nordeste, pois em cada verso é possível perceber a riqueza das tradições e identidade popular. Sobre esse aspecto, leia o texto abaixo:

Sobre a Literatura de Cordel

A Literatura de Cordel refere-se não apenas ao gênero literário, mas também a um veículo de comunicação, ofício e meio de sobrevivência para inúmeros cordelistas. Inserido na cultura nacional em fins do século XIX, o cordel é elemento constituinte da diversidade cultural brasileira, com contribuições das culturas africana, indígena, europeia e árabe. Conjugando tradições da oralidade, da poesia e das narrativas em prosa, o bem cultural se constituiu como uma relevante forma de expressão da nossa sociedade. Seu desenvolvimento associado às narrativas orais, à cantoria, ao repente, à embolada, à glosa e à declamação ensejou a grande popularidade do gênero, devido à estruturação dos poemas que possibilita uma fácil memorização dos versos.

Inicialmente, o termo cordel era principalmente associado à forma editorial dos textos, veiculados em pequenas brochuras impressas em papel barato e vendidas suspensas em cordões de lojas de feiras e mercados com vistas à ampla difusão dos livros.

Nos dias de hoje, poetas cordelistas também definem o cordel como gênero literário constituído obrigatoriamente de três elementos principais, a saber: métrica, rima e oração. Tais componentes, associados às ilustrações das histórias estampadas nas capas dos livretos, tradicionalmente em xilogravura, são partes da cultura encantadora da Literatura de Cordel.

Sua inserção na cultura brasileira representa a vivência de diversos grupos sociais muitas vezes não contemplados pelos preceitos da literatura de tradição acadêmica. O desenvolvimento dessa forma de expressão perpassa pela transmissão de conhecimentos elementares para a formação da nossa sociedade e, por isso, a Literatura de Cordel recebe o título de Patrimônio Cultural do Brasil.

Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1943>. Acesso em 4 de setembro 2022. [Adaptado]

Leia, a seguir, um trecho de cordel do poeta e dramaturgo Moreira de Acoiara que fala justamente sobre as diversas manifestações populares a partir do questionamento: o que é cultura popular?



LEITURA ORAL COMPARTILHADA

O QUE É CULTURA POPULAR?

[...]

Em tudo você vai ver
Uma dose de cultura;
Nas roupas que nós vestimos,
Na nossa literatura...
Os cocos e as emboladas
São a cultura mais pura.

O carnaval do Brasil
O pagode, a gafeira,
O maracatu, as rezas,
Os cantadores nas feiras
Jangadeiros... tudo isso
É cultura brasileira.

Um vaqueiro nordestino
Que aboia chamando a rês,
As novenas, as fogueiras,
As festas dos Santos Reis...
Isso é cultura também,
Já disse e digo outra vez.

O bumba meu boi do norte,
Que a muito crescendo vem,
E o Cirio de Nazaré,
Na região de Belém,
São culturas populares
Que valores também tem.

Na região da Bahia
A gente tem Candomblé,
É a cultura dos negros
Expressando a sua fé,
E rito vindo da África,
Mas cultura também é.

Há mais manifestações
Da cultura brasileira.
Assim como a vaquejada,
Rodeio, mulher rendeira,
Chula, forró, pau de fita,
Moçambique e capoeira.



Pois você sabia que isto
É folclore brasileiro.
Sendo folclore é cultura
E traz a cor e o cheiro
Do povo que faz história,
Rindo, com ou sem dinheiro.

Para completar, cultura
É algo bem natural.
São lendas, crenças de um povo,
Riqueza, escrita ou oral.
São histórias, são costumes,
É progresso social.

Então saiba você que,
Para se arranjar cultura,
É preciso se "antelar",
Exercitar a leitura
E passar a vida toda
Numa constante cultura.

[...]
Agora cabe a você
Não gastar seu tempo à toa.
Nessas questões de cultura,
Evite o cara/coroa.
Faça uma análise, pondere,
Vá atrás, reconsidere,
Nós temos cultura boa.

MOREIRA DE ACOPIARA. **O QUE É CULTURA POPULAR?** SÃO PAULO: CORTEZ. 2012. P.8-14.



ATIVIDADE IV

1) O que você conseguiu compreender com a leitura do trecho do cordel?

2) No trecho do cordel são citadas várias manifestações culturais. Escreva abaixo as que você conhece.

3) O poeta explica o que é a cultura popular e sua importância para a diversidade cultural brasileira. Com base no que já discutimos antes e no seu conhecimento, qual a importância das manifestações culturais para a região paraibana?

ATIVIDADE V

1) Veja as imagens a seguir que revelam muito sobre a origem cultural nordestina ao longo do tempo e marque com (X) as expressões culturais que você reconhece:

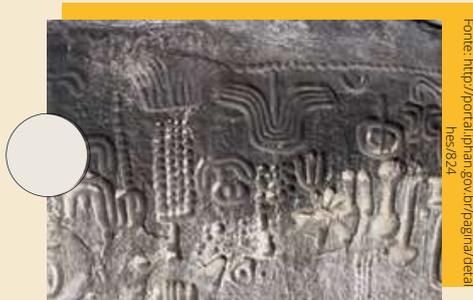


Figura 8: Desenhos rupestres das Itacoatiaras do Rio Inzá (PB)



Figura 9: Artesanato nordestino vendido na feira de Campina Grande.



Figura 10: Artesanato nordestino com croché



Figura 11: Chapéu de couro utilizado por cangaceiros e vaqueiros.



Figura 12: Coco de roda no Gurugi - Conde - PB



Figura 13: Arte milenar da xilogravura

2) Você consegue perceber como a cultura nordestina é diversificada e que está presente em nossas memórias? Não precisamos realizar grandes pesquisas para perceber que ao nosso redor tem muita cultura. Não é? Diante disso, como você define a cultura na nossa região?

ATIVIDADE VI

1) Você já ouviu falar nas "As ceguinhas de Campina Grande". Conhece alguma música que elas já cantaram? Registre sua resposta abaixo.

2) Neste momento, ouça a música "Atirei no mar" que pertencente ao trio de cantoras campinense. Para isso aponte a câmera do seu celular para o QR CODE abaixo. Após ouvir a música, escreva abaixo suas impressões.



3) Agora faça leitura da letra da música "Atirei no mar" das cantoras campinenses e responda o que mais chamou na linguagem utilizada pelas cantoras. Justifique sua resposta.

Atirei no mar - Três Ceguinhas

Atirei no mar, o mar vazou

Atirei na moreninha

Baleei o meu amor

Refrão

Menina diga ao teu pai

Teu pai diga o que quiser

Vou lutar pra ser meu sogro e você minha mulher

Refrão

Na ladeira do pau ferro na primeira encruzilhada

Namorei uma donzela que nunca foi namorada

Refrão

Acoei meu lenço branco na **cacimba** de bebê
Meu bebê não foge não que eu me caso com você

Em cima daquela serra passa boi passa boiada
Também passa a moreninha do cabelo cacheado

Refrão

Em cima daquela serra tem um barco de areira
Pra pegar a mulher velha pra falar da vida alheia

Refrão

A plateia também igual carrapicho no vestido
É homem casado e enxerido

Refrão

Meu café ta flurolano flurolano pra botar
E eu também tou namorando namorando pra casar

Refrão

Nunca vi carrapateira botar cacho no pendão

Nunca vi moça solteira sustentar opinião

Refrão

Nunca vi carrapateira botar cacho na raiz
Nunca vi moça solteira ter palavra no que diz

Refrão

Nunca vi carrapateira botar cacho atravessado
Nunca vi moça solteira namorar home casado

Refrão

Nunca vi carrapateira botar cacho na flor
Nunca vi moça solteira namorar com 2 amor

Refrão

Meu bebê ta mal comigo eu não sei porque razão
Namorar com todo troço ainda quer que eu dê razão

Refrão

7 E 7 são 14 como mais 7 é 21
Tenho 7 namorado e pra casar só quero um



Fonte: <https://www.vagalume.com.br/graciane/atirei-no-mar.html>

Glossário

Acoei: Jogar
Cacimba: Poço de água potável
Flurolano: O mesmo que florescer.
Carrapateira: Espécie de planta.

As ceguinhas de Campina Grande - PB



Fonte: <https://www.portalconteudo.com.br/post/por-onde-andam-as-ceguinhas-de-campina-grande>

Popularmente conhecidas no cenário artístico nacional, as ceguinhas de Campina Grande fazem parte da memória e cultura do povo campinense. Juntas, as cantoras e compositoras de músicas populares (emboladas de coco e cantigas) propagaram a cultura nordestina através de suas canções.

Conhecidas como Maroca (Maria das Neves Barbosa), Poroca (Regina Barbosa) e Indaía (Francisca Conceição Barbosa), as irmãs, cegas de nascença, sempre enfrentaram muitos desafios para sobreviver e encontraram na arte popular uma saída em busca de dias melhores. Com um guizá nas mãos e muita embolada de coco para cantar, passaram muito tempo de suas vidas em situação de rua, pedindo esmolas em Campina Grande, isso até encontrarem uma oportunidade para mostrar seus talentos nacionalmente.

Assim como As ceguinhas de Campina Grande, vários artistas nordestinos utilizam sua arte para eternizar suas vivências, memórias, tradições e crenças. Já percebeu como o cenário artístico brasileiro apresenta uma diversidade cultural gigantesca? Nosso país, por ser miscigenado, apresenta uma multiculturalidade que nos torna uma nação que exala arte. Isso é refletido nos textos populares, na música, dança, teatro, arquitetura, entre outras manifestações artísticas.

ATIVIDADE VII

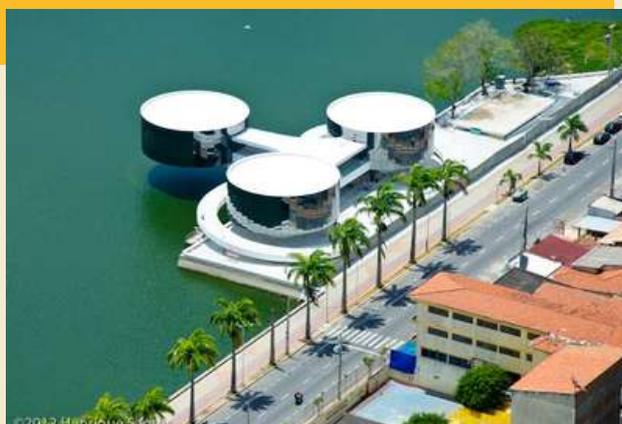
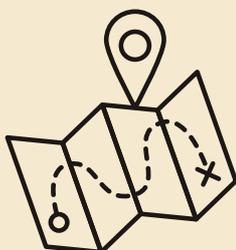
1) Você conhece outros artistas populares da cidade de Campina Grande - PB?

Aula de campo

Neste momento do projeto você participará de uma visita ao Museu de Arte Popular da Paraíba (MAPP) em Campina Grande - PB. Você já conhecia? O museu, também conhecido como museu dos três pandeiros foi projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer. Este foi um dos seus últimos projetos em vida e pertence a Universidade Estadual da Paraíba.



Fonte: <https://campinagranderainhadabonborerna.blogspot.com/2016/07/museu-de-arte-popular-da-paraiba.html>



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/299061216952301696/>

O MAPP serve hoje como um espaço que reúne um grande acervo documental da cultura popular, seja através da música, do artesanato, da xilogravura e literatura de cordel. Atualmente, o museu recebe uma nova exposição “A Feira de Campina Grande: poéticas e imaginários” em que retrata com muita riqueza de detalhes o universo da arte popular da feira central de Campina Grande - PB. Nesta visita, será possível perceber a estreita relação da linguagem com a cultura popular nas suas diversas manifestações artísticas locais.

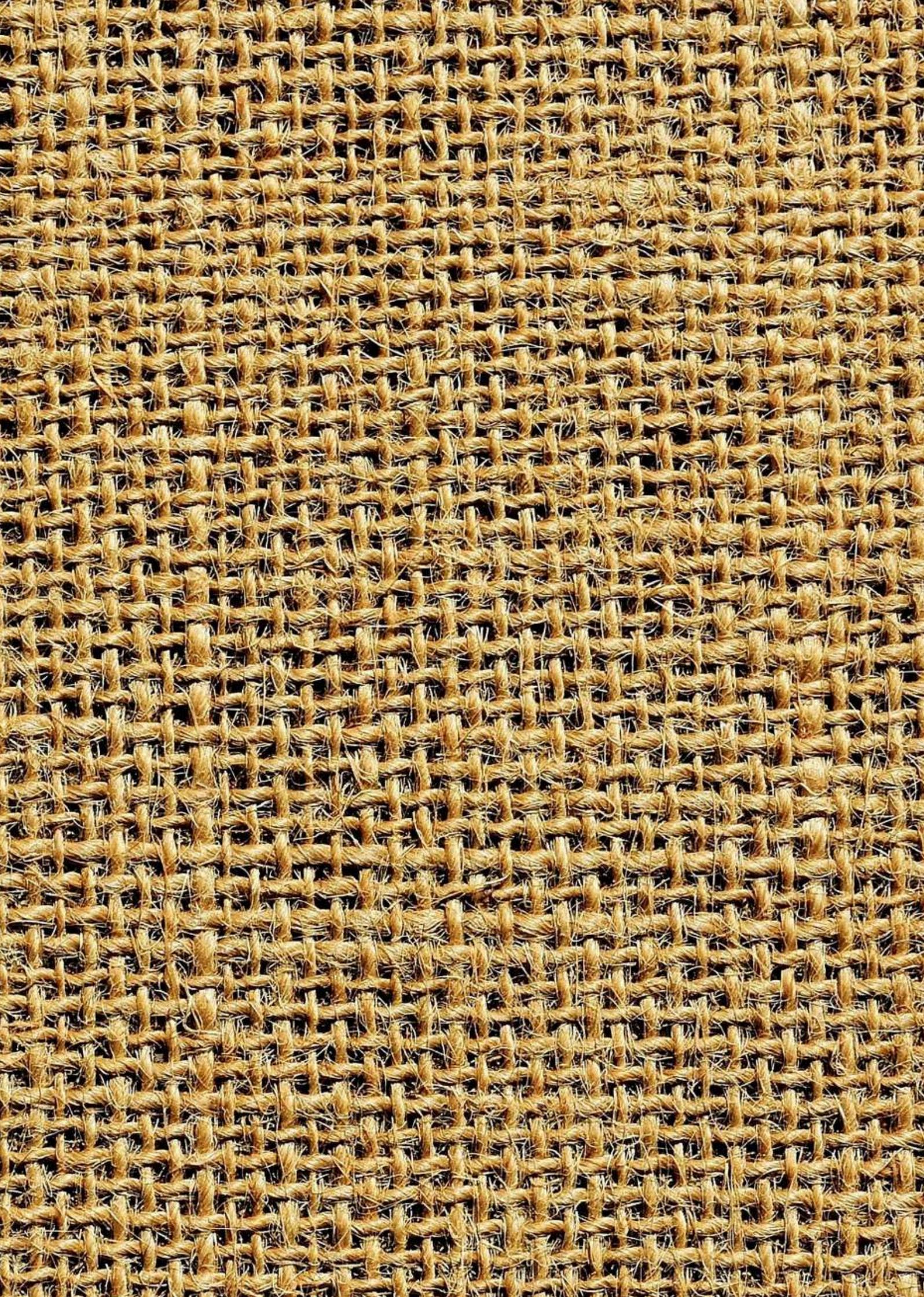
Para essa visita, é indicado que você leve caderno e lápis para que anote todas os conhecimentos adquiridos. Esse registro de vivência deverá ser colocado na página seguinte. Você também pode levar uma câmera fotográfica que para tirar algumas fotos que poderão ser utilizadas para construir um mural sobre esta aula de campo.



Registre aqui sua experiência na visita ao museu.

A large rectangular area with a light blue background, designed for writing. It features a vertical column of 20 small circles on the left side, resembling a spiral binding. The writing area is divided into three sections by horizontal lines: the top section has 7 lines, the middle section has 10 lines, and the bottom section has 3 lines. A dashed red line is visible at the bottom edge of the writing area.

A sheet of white lined paper with a spiral binding on the left side. The paper is oriented vertically and features horizontal blue lines for writing. The spiral binding consists of a series of small circles along the left edge. The paper is set against a yellow background with a black border.





UNIDADE II

O GÊNERO DRAMÁTICO EM CENA

Teatro, história e representações cênicas

UM PASSEIO PELA HISTÓRIA DO TEATRO

Uma das origens defendidas como marco principal do surgimento do teatro consiste na reunião de um grupo de pessoas proximidades de uma fogueira em uma pedreira. A fogueira refletia a imagem dessas pessoas na parede, e gestos engraçados eram feitos para refletir nas sombras, enquanto um texto improvisado acompanhava as imagens, trazendo a ideia de animais, divindades, personagens fracos, fortes, oprimidos, entre outros.

O teatro remonta há mais de 2.500 anos, na Grécia. Seus antigos povos expressavam suas ideias/mitologias, dentre outros assuntos, ao transformar encenações em arte. Nessa época, apenas os homens representavam, e, diante de papéis femininos, foram criadas as primeiras máscaras, de tragédia e de comédia (os primeiros gêneros do teatro).



Figura 14: As ruínas do Teatro de Epidauro - Anfiteatro.

O gênero trágico foi o pioneiro, retratando, por exemplo, o sofrimento humano, suas fatalidades, e causas/origens da nobreza. Os maiores autores da tragédia grega foram Ésquilo, Eurípedes e Sófocles, que produziram obras que fazem parte da cultura mundial e são representadas até hoje. Exemplos dessas obras são as seguintes peças: Os Persas (de Ésquilo), Medéia (de Eurípedes) e Édipo Rei (de Sófocles).

A comédia surgiu para satirizar excessos, falsidades e mesquinhas, não sendo bem vista a princípio, pois se considerava, na época, a tragédia um gênero mais rico. No século V a.C., com o surgimento da democracia, o gênero cômico passou a ser mais aceito, tratando-se de uma maneira de ridicularizar fatos políticos da época. Um dos principais autores desse gênero foi Aristófanes, com mais de 40 peças teatrais escritas (entre elas, Lisístrata).



No Brasil, o teatro surgiu no século XVI para propagar a religião, destacando-se, por exemplo, o padre José de Anchieta. No século XIX, a comédia de costumes retratou, na obra de autores como Martins Pena, a sociedade brasileira da época. Os princípios da modernidade chegaram ao teatro brasileiro no século XX, com Oswald de Andrade. Um dos maiores dramaturgos do século XX é Nelson Rodrigues, sendo sua encenação “Vestido de Noiva”, em 1940, considerada um marco no teatro. Nesse período, a ditadura militar impôs censura a autores/encenadores até o início da década de 1980 quando, com o fim da ditadura, surgiram grupos/movimentos que estimularam uma nova dramaturgia.

Na Paraíba, embora conhecida como “celeiro de artistas”, o movimento teatral não tinha muito destaque até os anos 80. Em Areia, por exemplo, onde foi construído o primeiro teatro na Paraíba (o teatro Minerva), não se tem registro de grupos teatrais originados na cidade. Entretanto, o movimento teatral paraibano atual vem deixando de ser meramente amador. Em Campina Grande, o Teatro Municipal Severino Cabral, inaugurado em 1963, consolidou-se como templo da produção artística campinense e paraibana ao longo das décadas de sua existência, além de cenário de diversos eventos nacionais e regionais.

O Teatro é uma arte na qual os atores cedem seu corpo/voz para viver personagens criados por autores. Para muitos dramaturgos, a experiência de encenar é única e merece ser prestigiada, além de mais incentivada.

Fonte: <http://www.dsc.ufcg.edu.br/~pet/jornal/marco201/materias/cultura.html>. [Adaptado]



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Teatro_Santa_Roza
Teatro_Santa_Roza.jpg

Figura 15: Teatro Santa Roza em João Pessoa é considerado um dos mais antigos do Brasil.



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Teatro_Municipal_Severino_Cabral

Figura 16: Teatro Municipal Severino Cabral. Campina grande - PB.



Fonte: <https://www.paraibacriativa.com.br/artista/teatro-minerva/>

Figura 17: O Teatro minerva é primeiro teatro do Estado da Paraíba. Seu nome é uma homenagem a deusa das artes e sabedoria “Minerva”

ATIVIDADE I

1) O teatro é uma poderosa ferramenta artística e através dele muitos povos representaram a própria realidade. Para você, quais as principais abordagens nas representações teatrais ao longo da história?

2) Cite a principal diferença entre os gêneros teatrais tragédia e a comédia.

3) Você já teve a oportunidade de conhecer algum teatro paraibano? Conte sua experiência.

O texto teatral em ação



O universo teatral nos permite navegar por diferentes mundos, representar grandes personagens que marcaram a história, ter super poderes e para além do mundo real, seja de olhos abertos, apreciando uma peça teatral, ou simplesmente de olhos fechados, podemos utilizar a imaginação para embarcar em viagens imaginárias. Isso não acontece apenas nos dias de hoje, foi assim com o teatro grego e é assim no teatro moderno.

O GÊNERO TEXTUAL DRAMÁTICO

O **gênero dramático** ou teatral, compõe a tríade dos gêneros literários juntamente com o narrativo/épico e o lírico.

Desta forma, o gênero dramático tem na representação teatral a sua principal função, ou seja, o texto é escrito para ser encenado, pois os atores assumem a função de mostrar como a cena será sequenciada. Já o **gênero narrativo**, tem o objetivo de contar uma história e, para isso, precisa de narrador, personagens, enredo, tempo e espaço. Por sua vez, o **gênero lírico** tem na poesia sua principal característica, é um texto escrito em verso ou prosa.

Sobre o Texto Teatral



O texto teatral apresenta uma sequência linear representada pela introdução (ou apresentação), complicação, clímax e desfecho. A história em si é retratada pelos atores por meio do diálogo, no qual o objetivo maior pauta-se por promover uma efetiva interação com o público expectador, onde razão e emoção se fundem a todo momento, proporcionando prazer e entretenimento.

Pelo fato de o texto teatral ser representado e não contado, ele dispensa a presença do narrador, pois como anteriormente mencionado, os atores assumem um papel de destaque no trabalho realizado por meio de um discurso direto em consonância com outros recursos que tendem a valorizar ainda mais a modalidade em questão, como pausas, mímica, sonoplastia, gestos e outros elementos ligados à postura corporal que contribuirão para a *performance* cênica.



DUARTE, Vânia Maria do Nascimento. "O texto teatral"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/redacao/o-texto-teatral.htm>. Acesso em 02 de outubro de 2022. [Adaptado]

CARACTERÍSTICAS DO TEXTO TEATRAL

O **diálogo** constitui o elemento dominante e essencial de um texto dramático. No diálogo, manifestam-se uma oposição e uma luta de vontades que caracterizam o conflito, elemento essencial que possibilita ao leitor ou à plateia criar expectativa em relação aos fatos que lê ou vê. O **conflito** é, portanto, qualquer elemento da história que se opõe a outro, criando uma tensão que organiza os fatos narrados e, conseqüentemente, prende a atenção do leitor ou da plateia.

O conjunto de elementos que compõem no palco o espaço em que ocorrem as ações é chamado **cenário**. Quando o texto teatral é encenado, exige, além do cenário, outros elementos, como música, luz, figurino, maquiagem, gestos, movimentos etc.

No texto teatral escrito, o autor indica esses elementos nas rubricas. As **rubricas** aparecem em letra de tipo diferente (normalmente em itálico) e como devem se movimentar (rubricas de movimento). Quando lemos um texto dramático, as rubricas cênicas procuram nos dar informações sobre aquilo que se vê no palco.

A **linguagem** empregada no texto teatral varia de acordo com a época em que ele foi escrito, com a época que o autor quer retratar e com a procedência e o nível social e cultural das personagens.

Quando a peça teatral é longa, ela costuma ser dividida em partes, que são chamadas de atos, quadros e cenas.

Fonte: <https://pt.slideshare.net/NAPNE/09-o-teatro>. [Adaptado]



ATIVIDADE II

1) As histórias representadas através dos textos dramáticos podem contar sobre diversos enredos em que é possível perceber uma sequência de ações e conflitos acontecendo bem diante da platéia. Para você, o que diferencia o texto teatral de outros textos?

O teatro paraibano de Lourdes Ramalho

Lourdes Ramalho



Fonte: <https://www.paraibacriativa.com.br/artista/lourdes-ramalho/>

Maria de Lourdes Nunes Ramalho nasceu em 1923 na cidade de Jardim do Seridó, divisa entre Rio Grande do Norte e Paraíba. Na infância, recebeu a educação sertaneja em meio a uma família de artistas e educadores. O seu bisavô era violeiro e repentista, a sua mãe professora e dramaturga, além de vários tios atores, cordelistas e violeiros. Desde cedo, estava cercada de cultura nordestina e poesia popular que são tão vistas em suas obras.

Incentivada pela família, Lourdes começou a escrever peças muito cedo, por volta dos 10, 12 anos. Brincar de teatro era sua diversão favorita. Ela colocava no papel as falas e ações dos personagens, que ganhavam vida nas pessoas da família ou nos amigos da escola. Aos 16 anos, estudando num colégio interno em Recife. Lourdes escreveu seu primeiro texto, retratando a falta de professores qualificados, a má qualidade da alimentação e as formas abusivas de educação, em uma comédia que foi apresentada por ela mesmo na festa de encerramento do ano letivo, o que causou um embate entre pais e professores, resultando na expulsão da menina.

Lourdes se casa em 1943, e, para acompanhar o marido, reside em várias cidades do interior nordestino, deixando de lado um pouco da vida de atriz, mas sempre trabalhando como dramaturga e diretora.

No Pós Guerra em Recife, surge um grupo de atores, intelectuais e poetas que tenta redemocratizar o teatro. Tendo um vínculo muito forte com as tradições nordestinas, os integrantes desse grupo, dentre eles Hermílio Borba Filho e Ariano Suassuna, buscam renovar a cena teatral local. Esse grupo se mobiliza para escrever e levar aos palcos textos que mostrassem a cara e a cultura do povo nordestino. Era o povo vendo experiências, conflitos, sonhos do seu próprio povo. Tal grupo foi batizado de Teatro Popular do Nordeste. Seu trabalho era recriar as narrativas e os “causos” do imaginário popular para que a população reconhecesse a sua cultura no palco.

A proposta do Teatro Popular do Nordeste começa a servir de base para outros grupos teatrais, e dentre os nomes destacados está o de Lourdes Ramalho que já vinha fazendo esse tipo de resgate e encenação do povo nordestino.

Entre 1964 e 1966, Lourdes se muda para o Rio de Janeiro onde faz parte da Sociedade Brasileira da Educação através da Arte (SOBREART), assistindo aulas de teatro n’O Tablado de Maria Clara Machado. De volta a Paraíba, abre uma seção da SOBREART, na qual assume a presidência e coordena as atividades do grupo teatral vinculado à associação. São deste período O príncipe valente, O pequeno herói e Ingrato é o céu. Em 1974, escreve Fogo-Fátuo, encenado pelo Grupo Cênico Manuel Bandeira, da Fundação Artístico-Cultural Manuel Bandeira (FACMA), apresentado no I Festival Nacional de Teatro, FENAT, em Campina Grande e funda, informalmente, o Centro Cultural Paschoal Carlos Magno, hoje Centro Cultural Lourdes Ramalho.

Fonte: <http://www.dsc.ufcg.edu.br/~pet/jornal/outubro2008/materias/cultura.html#:~:text=Incentivada%20pela%20fam%C3%ADlia%2C%20Lourdes%20come%C3%A7ou,ou%20nos%20amigos%20da%20escola.>

Atividade III

1) Reflita sobre os pontos abaixo e formule sua resposta:

- Você já tinha ouvido falar na dramaturga Lourdes Ramalho?
- Das obras citadas no texto, já teve a oportunidade de ler alguma?
- Qual a importância da contribuição de Lourdes Ramalho para a história do teatro paraibano?

Roda de leitura e análise do texto: *A Feira*

Agora teremos a oportunidade de ler a peça teatral *A Feira* (2011), escrita por Lourdes Ramalho (ver anexo). Como vimos na unidade II, o texto teatral apresenta uma estrutura diferente de outros textos/gêneros, principalmente por seu objetivo: ser encenado.



A leitura da peça, especialmente em uma roda de leitura, irá proporcionar um momento de maior interação com a obra. Além disso, perceber na prática, da letra escrita no texto até a voz e o corpo, os elementos de linguagem (entonação, o ritmo da leitura, as pausas moduladas pela voz, expressões faciais e a gestualidade dos movimentos cênicos) presentes no texto teatral, além da intencionalidade crítica na fala das personagens, revelando as intenções da autora com a obra através da linguagem.



É IMPORTANTE PERCEBER!

Neste primeiro momento de leitura completa da obra você estará fazendo um reconhecimento do texto. Terá oportunidade de perceber a estrutura do gênero dramático e, aos poucos, ir entendendo o enredo da história. Iremos repetir este processo de agora em diante até que você consiga internalizar a história.



Roda de leitura

Em círculo, inicie uma leitura silenciosa sobre a peça teatral *A Feira* da dramaturga Lourdes Ramalho que está em anexo. Faça uma leitura atenta para poder absorver o máximo de informações sobre a história. Utilize o bloco de anotações e boa leitura.

BLOCO DE ANOTAÇÕES

A large white rectangular area with horizontal blue lines for writing, resembling a notebook page. On the left side, there are several small yellow circles representing binder holes, arranged in three vertical columns. The page is set against a light yellow background with a dark green vertical bar on the far left.

Atividade IV

1) Após a primeira leitura da peça você conseguiu perceber os elementos que compõe o texto teatral? Cite-os.

2) De acordo com sua leitura, escreva abaixo as primeiras impressões que teve sobre a peça, evidenciando o quadro que mais chamou sua atenção.

3) Preencha o quadro abaixo de acordo com sua percepção de leitura da peça.

Você conseguiu perceber a presença do narrador?	
Quem são os principais personagens da peça? Ou quais os que mais chamou sua atenção?	
Como a autora da peça caracteriza as personagens?	
Você teve alguma dificuldade para compreender a linguagem utilizada pelas personagens?	

4) Uma marca presente na peça em foco é certamente a linguagem regional utilizada pelas personagens. Na unidade I você pôde perceber como os aspectos culturais estão diretamente relacionados com os hábitos, costumes e linguagem de um povo. No texto que estamos trabalhando, certamente você deve ter percebido como as falas das personagens aparecem carregadas de marcas linguísticas. Um exemplo prático está presente nos ditados populares que são frases ditas oralmente através das gerações que têm o objetivo de trazer uma reflexão ou mensagem de alerta. Com base nisso, as questões que se seguem:

a) Você conseguiu perceber algum ditado popular dito pelas personagens? Quais?

b) Algum dos ditados populares utilizados que aparecem na peça já foram ditos ou ouvidos por você? Escreva alguns exemplos.

5) Levando em consideração o enredo da peça *A Feira* da dramaturga Lourdes Ramalho, responda:

a) Qual a principal temática abordada na obra e qual crítica fica mais evidente nos conflitos vivenciados pelas personagens?

b) Você acredita que os conflitos retratados na peça ainda acontecem nos dias atuais?

A variação Linguística



<https://www.parabolablog.com.br/index.php/blogs/variacao-linguistica>

A variação linguística é um fenômeno natural que ocorre pela diversificação dos sistemas de uma língua em relação às possibilidades de mudança de seus elementos (vocabulário, pronúncia, morfologia, sintaxe). Ela existe porque as línguas possuem a característica de serem dinâmicas e sensíveis a fatores como a região geográfica, o sexo, a idade, a classe social do falante e o grau de formalidade do contexto da comunicação.

É importante observar que toda variação linguística é adequada para atender às necessidades comunicativas e cognitivas do falante. Assim, quando julgamos errada determinada variedade, estamos emitindo um juízo de valor sobre os seus falantes e, portanto, agindo com preconceito linguístico.

Exemplos de variação linguística

- **Variedade regional**

São aquelas que demonstram a diferença entre as falas dos habitantes de diferentes regiões do país, diferentes estados e cidades. Por exemplo, os falantes do Estado de Minas Gerais possuem uma forma diferente em relação à fala dos falantes do Rio de Janeiro.

- **Variedades sociais**

São variedades que possuem diferenças em nível fonológico ou morfossintático. Veja:

1. **Fonológicos** - "prantar" em vez de "plantar"; "bão" em vez de "bom"; "pobrema" em vez de "problema"; "bicicreta" em vez de "bicicleta".
2. **Morfossintáticos** - "dez real" em vez de "dez reais"; "eu vi ela" em vez de "eu a vi"; "eu truci" em vez de "eu trouxe"; "a gente fumo" em vez de "nós fomos".

Fonte: <https://www.parabolablog.com.br/index.php/blogs/variacao-linguistica>. [Adaptado]



Atividade V

1) Como vimos na Unidade I (Culturas com S no final), a linguagem que utilizamos para para nossa comunicação tem influência de várias culturas que contribuem para construir a identidade linguística dos falantes. Além disso, é possível perceber que cada pessoa ou grupo pode ter uma fala diferente por diversos fatores, seja pela idade, classe social, região ou país em que os falantes estão inseridos, conforme o texto lido sobre variação linguística. A forma como as personagens dialogam na peça teatral *A Feira* (2011) revela os traços linguísticos dos falantes nordestinos, o que caracteriza em uma variação regional. Leia o quadro 1 da peça *A Feira* e responda:

a) O que você sentiu/percebeu com a leitura deste primeiro quadro?

b) O que você achou da linguagem usada pelas personagens? Você se identifica com essa linguagem? você acha que o modo como essa linguagem é utilizada na peça produz algum efeito de sentido? Qual?

c) Para você, qual a importância de respeitar as variações linguísticas?

d) Na sua opinião, valorizar a diversidade linguística num produto artístico cultural como pela peça teatral é relevante para representar os valores da região? Responda afirmando também se você como autor de uma peça de teatro que retrata a cultura local de seu povo utilizaria tais recursos? Porquê?

Auto Natalino: adaptação do texto teatral

O que é um auto teatral?

Os autos são espetáculos teatrais de tradição secular que ganham cores ainda mais fortes quando chega o Natal. No Brasil, e em especial no Nordeste, essas peças natalinas adquirem voz e cara bem próprios graças às influências que aliam naturalmente folclore, folguedos e religiosidade.

Inicialmente, os autos eram encenados em templos religiosos, depois nas portas de entrada das igrejas e pátios. Posteriormente, as apresentações passaram a acontecer em feiras, mercados e praças públicas, quando se torna um gênero dramático de feição popular. Foi nessa época também que, ao sair das igrejas, os autos passaram também a tratar de assuntos profanos. Não que havia autos religiosos e autos profanos, separadamente. O que ocorria era a coexistência dos dois elementos dentro da mesma peça.

Fonte: <https://blog.portaleducacao.com.br/o-que-e-o-auto-teatral/>



ATIVIDADE VI

Para esta atividade de adaptação do texto teatral "A Feira", em um auto natalino você precisará seguir alguns passos importantes:

Para a adaptação da peça A Feira

1. Com ajuda do seu professor, forme grupos para a produção coletiva dos quadros da peça. Cada grupo ficará responsável por um quadro.
2. Os grupos selecionados deverão reler os quadros escolhidos já pensando na adaptação;
3. Com os quadros lidos, os grupos deverão iniciar o processo criativo de transformar o texto para um auto natalino. Os grupos têm a liberdade de modificar o texto, mas precisam ter cuidado para preservar as características do gênero dramático: personagens; falas, rubricas, cenário, entre outros;
4. Utilize a folha de rascunho para realizar a adaptação. Com o texto adaptado, releiam e façam os ajustes e correções necessárias;
5. Transcreva na página 41 a versão final da adaptação;
6. Organize com o professor os dias dos ensaios.

Para encenação do auto natalino

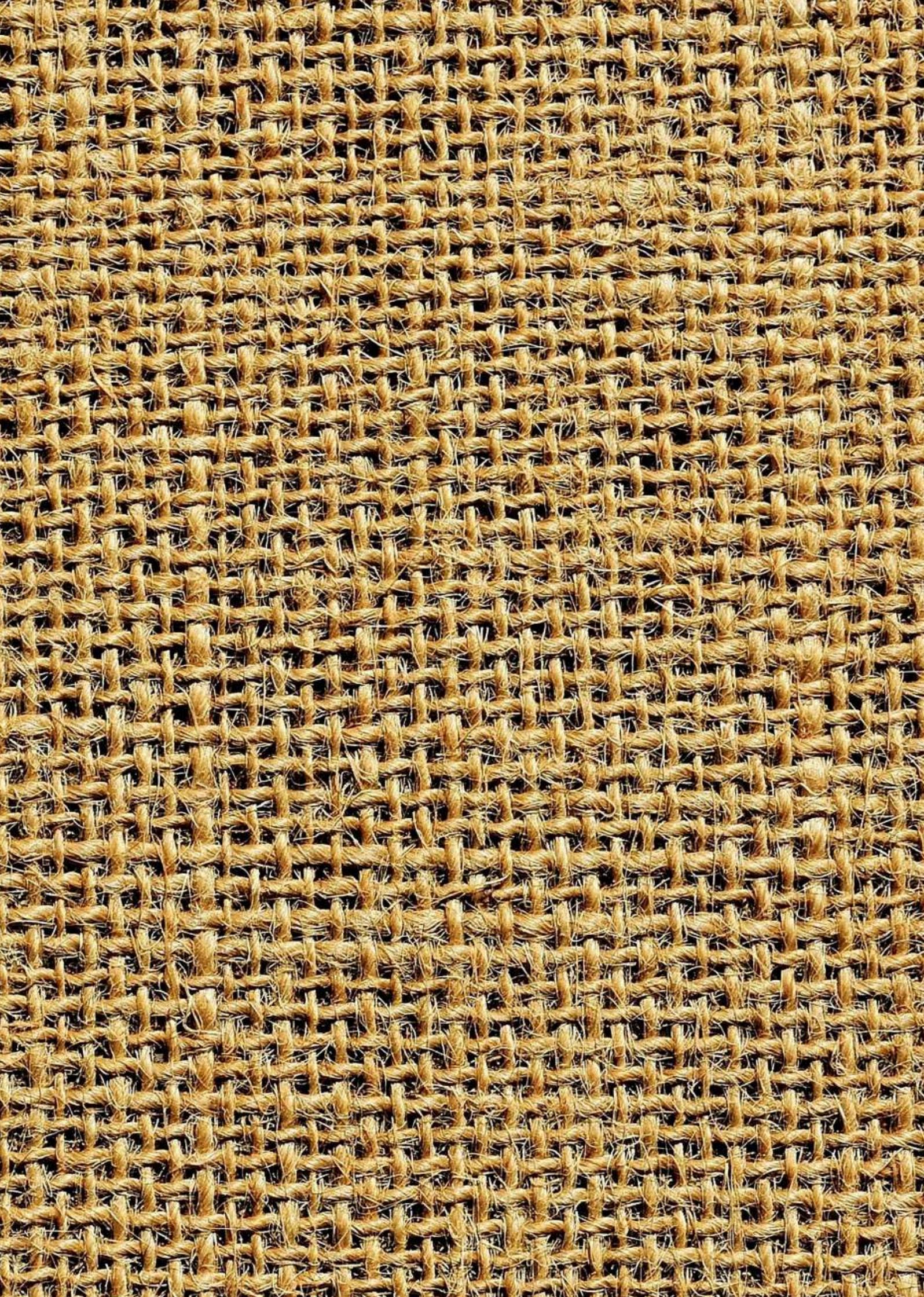
1. Planeje como será feito a divulgação da peça (confecção de cartazes ou oralmente por um grupo em cada turma da escola);
2. Comece pensando o lugar onde acontecerá a encenação e, como será montado o cenário, bem como os materiais que serão utilizados para o dia da apresentação;
3. Converse com seus colegas sobre os figurinos e acessórios que serão utilizados nas personagens. Você poderá solicitar ajuda de outras pessoas (amigos, colegas e familiares) para montar o figurino que achar melhor;
4. Converse com seu professor e defina quem irá ficar responsável pela montagem do cenário, maquiagem, sonoplastia etc.
5. Peça apoio ao professor caso tenha qualquer dúvida sobre sua participação no dia da encenação do auto natalino;
6. Mantenha a calma e aproveite ao máximo cada momento.

Utilize este espaço como rascunho do texto relativo a sua parte do quadro que será elaborado por seu grupo.

The form consists of a large white rectangular area with horizontal blue lines for writing. On the left side, there are two vertical columns of small circles, one above and one below a horizontal line, suggesting a binder or punch-hole design.

Agora, neste espaço transcreva a versão final do seu grupo.

A large white rectangular area with horizontal blue lines for writing, resembling a sheet of lined paper. On the left side, there are two vertical columns of small circles, each with a horizontal line extending from its center, suggesting a spiral binding or punch holes. The circles are arranged in two groups of eight, separated by a vertical gap.





UNIDADE III

**A FEIRA DE CAMPINA GRANDE
MEMÓRIA E CULTURA POPULAR**

Cultura popular, tradição e memórias



Feira de Campina Grande

A chamada Feira das Feiras - Feira de Campina Grande - está, desde 27 de setembro de 2017, entre os **bens imateriais** reconhecidos **como Patrimônio Cultural do Brasil** e foi inscrita, pelo Iphan, no Livro de Registro dos Lugares. Localizada no município de Campina Grande, Estado da Paraíba, essa Feira transformou a vida e a paisagem do Planalto da Borborema e foi mudando de lugar ao longo do tempo, desde seus primeiros caminhos, ainda no século XVIII.

Ao longo dos anos, décadas e séculos, a feira-cidade cresceu e se tornou uma das maiores referências do mercado da região, marcando a vivência coletiva de milhares de trabalhadores e exercendo poderosa influência em todo o interior nordestino, especialmente nos estados da Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará. Trata-se de um lugar patrimônio cultural de resistente continuidade histórica em meio às vicissitudes políticas locais. Aproximadamente 75 mil metros quadrados dão a base da Feira de Campina Grande, que se amplia para além de seus limites, entre ruas e barracas, nos dias de mais movimento.

De segunda a sábado, o movimento caótico de pessoas e mercadorias atrai pelo tamanho, relevância e diversidade. É por isso que se diz que tudo o que se procura é possível encontrar na Feira: frutas, hortaliças, cereais, ervas, carnes, animais (vivos ou abatidos), roupas, flores, doces, artesanato, comida regional e serviços. Diversos personagens dão vida ao lugar. Eles são os seleiros, mangaieiros, flandreiros, barbeiros, balaieiros, raizeiros, fateiros – e tantos outros mestres, com seus saberes e ofícios tradicionais.

Fonte: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1601/>. [Adaptado]



Todo mundo tem sempre uma boa história para contar,
Seja sobre o que já vivenciou
Ou até mesmo sobre o que ouviu falar.

Quando o assunto é a feira de Campina Grande
É possível perceber que histórias e muitas memórias
Não faltam no imaginário popular...

1) Responda as seguintes questões seguintes e em seguida compartilhe oralmente com os colegas:

a) Alguém da sua família costuma ir a feira? Quem? Discorra sobre isso.

b) Você já teve a oportunidade de ir a esta feira de Campina Grande? Conte sobre sua primeira impressão.

c) Com base na leitura do quadro acima sobre a feira central de Campina Grande, tem alguma informação que você desconhecia? O quê?

d) Para você, qual a importância que a feira de Campina Grande tem para a cultura popular?

e) Tem alguma história/memória que envolva a feira de Campina Grande que você gostaria de compartilhar?

CONSTRUINDO DIÁLOGOS



A reportagem abaixo fala sobre o dia do feirante (25 de agosto) e a sua relação com a feira de Campina Grande - PB, além de evidenciar o papel das manifestações populares neste espaço sociocultural e financeiro da cidade. Aponte sua câmera do QR CODE na figura 20 e assista ao vídeo.



Figura 18: Reportagem sobre o dia do feirante

ESCANEE O
QR CODE

ATIVIDADE II

1) Com base no que você assistiu no vídeo, responda as questões abaixo:

a) O que mais chamou sua atenção no vídeo?

b) Você acha que é importante uma data anual que comemora o dia do feirante? Justifique sua resposta.

c) Para você, qual a importância cultural e histórica da feira de Campina Grande?

PALESTRA COM A HISTORIADORA

Este momento do projeto conta com a participação de uma historiadora que nos contará um pouco mais sobre a história da feira de Campina Grande, evidenciando para além do aspecto comercial, a parte histórica, artística e cultural deste lugar que contribui até hoje para a formação da identidade do sujeito campinense/paraibano.

Sobre a Palastrante



Olá! Me chamo Jahelina Almeida!

Sou professora no município de Massaranduba - PB. Graduada em História (2004) pela Universidade Estadual da Paraíba, e em Pedagogia (2013) pela Universidade Federal da Paraíba. Como gosto muito de estudar, fiz uma especialização em História e Ensino de História (2006) e outra em Educação para relações étnico raciais (2015), ambas na Universidade Federal de Campina Grande - PB. Atualmente (2022) sou mestranda no Programa de Pós - Graduação em Formação de Professores - PPGFP da Universidade Estadual da Paraíba.

Oficina de leitura dramática: dando corpo ao texto



O que é leitura dramática?

A leitura dramática é uma leitura em voz alta de texto teatral para um público. Como vimos, no texto teatral, a narrativa (ou a história contada) é construída com os diálogos das personagens, através de cenas que desenvolvem e mostram acontecimentos e situações. A palavra “drama” em sua origem significa: ação. Então, um texto dramático ou teatral serve à ação teatral, ou seja, é um texto para ser posto em ação, em cena, em forma de espetáculo ou cena teatral, com a atuação de atores e atrizes que representam personagens.

A leitura dramática é uma prática cênica, comum na área do teatro. Essa leitura exige interpretação, especialmente, pelo uso da voz. Com a leitura em voz alta se busca expressar os sentimentos e as características de cada personagem. Também, a forma como cada personagem se relaciona com os outros, como age ou reage a cada acontecimento. Para isso, basicamente brincamos e exploramos o uso de diferentes vozes (um tipo de voz para cada personagem) e mudanças no tom de voz (entonações). Ouvindo uma leitura dramática, o público pode entender o que acontece, conhecer as personagens e imaginar cada cena teatral. Muitos atores realizam a leitura dramática na fase de ensaios de um espetáculo, como forma de estudo do texto. Também, como um exercício de atuação, isto é, de interpretação e exploração das características das personagens.

Fonte: https://www.ufrgs.br/colégiodeaplicacao/wpcontent/uploads/2020/06/TEATRO_semana14_Amoral.pdf



OFICINA DE LEITURA DRAMÁTICA

Nesta etapa do projeto, uma atriz convidada realizará uma **oficina de leitura dramática** que auxiliará na leitura do texto que foi adaptado em sala de aula. O objetivo é, entender na prática as necessidades do texto teatral, sempre atentando para aspectos fundamentais, tais como: entonação, ritmo, tom da voz, respiração, expressões faciais etc.

Sobre a Atriz

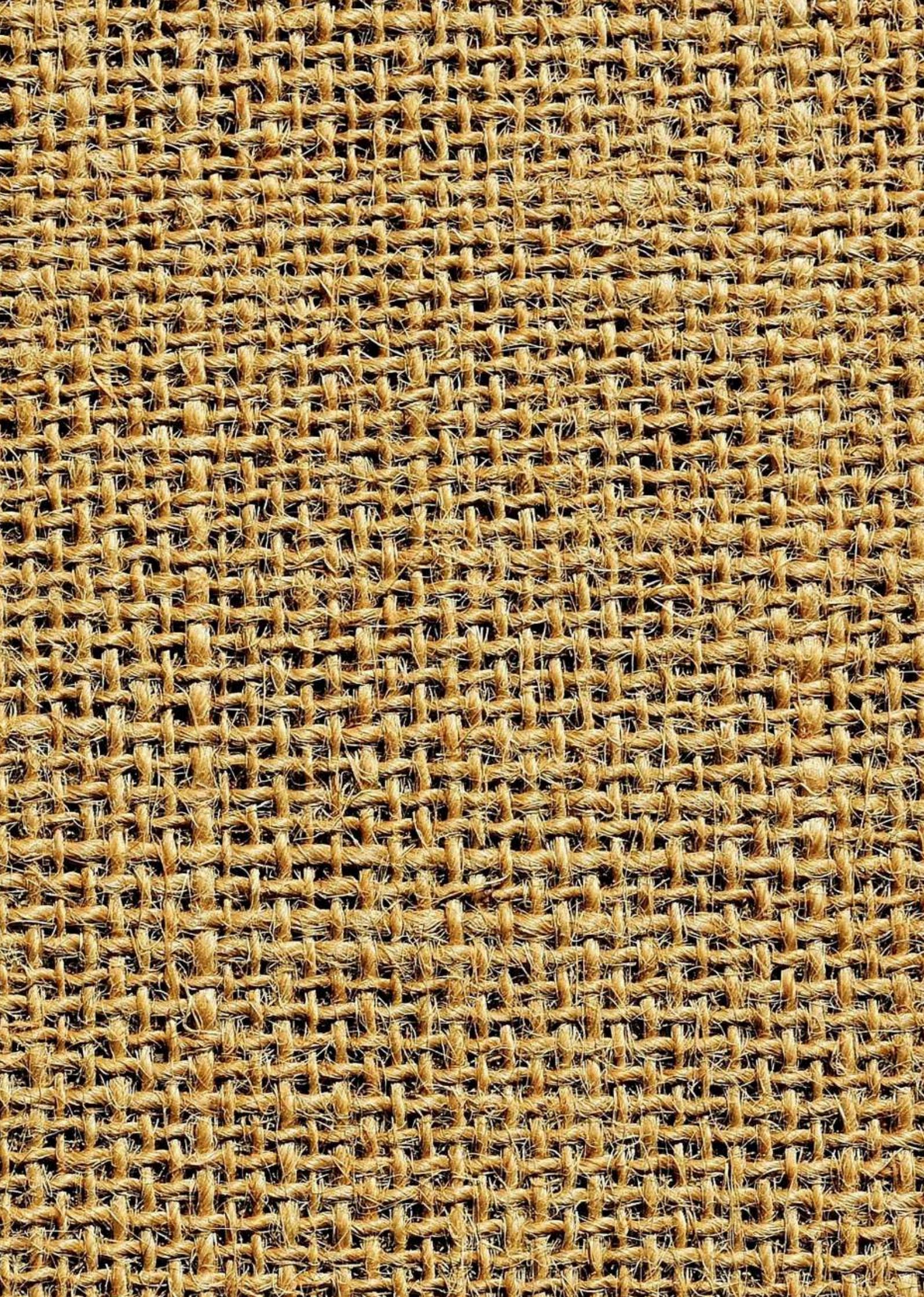


Olá, me chamo Ednalda Ferreira.

Sou professora na rede privada de ensino de Campina Grande. Graduada pelo curso de Letras e Artes com habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba. Atriz pelo Curso Básico de Formação de Atores da UEPB. Atuei como Professora de Teatro e Leitura Dramatizada no Grupo Escolar Anésio Leão, através do Programa de Educação, Leitura e Artes da UEPB e professora de Iniciação Teatral no Colégio Motiva.

Registre no espaço abaixo sua experiência com a oficina de leitura dramática.

A large white rectangular area with blue horizontal lines for writing, resembling a spiral-bound notebook page. The left edge of the page is marked with 18 small circles, representing the spiral binding. The page is divided into four sections by horizontal lines: the first section has 3 lines, the second has 8 lines, the third has 8 lines, and the fourth has 2 lines.





UNIDADE IV

ENCENANDO O TEXTO TEATRAL

Planejamento das atividade finais



Nesta unidade, realizaremos o planejamento das atividades finais deste projeto para que seja promovido a dramatização adaptada da peça teatral *A Feira* da dramaturga paraibana Lourdes Ramalho.

É hora de começar



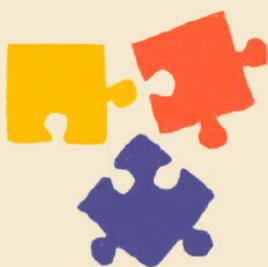
Proposta

Para realizar esta etapa, retome os grupos formados na unidade II e com a ajuda do professor planeje as próximas ações para definir os ensaios da peça e os materiais necessários para o dia da apresentação.

Antes que a encenação teatral aconteça será necessário pensar na elaboração de um espaço adequado para que ela ocorra. O espaço pode ser adaptado de acordo com a realidade da escola.

Como será feito

O auto natalino será apresentado ao público escolar e tem o intuito de promover a valorização cultural através da linguagem, em especial, a partir do universo do teatro popular de Lourdes Ramalho. Os grupos encarregados pela organização (cenário, maquiagem, sonoplastia etc.) devem pesquisar e confeccionarem os materiais necessários para o dia da apresentação.



Montando o espetáculo

Esta fase final do projeto será dedicada aos ensaios do auto natalino. Fique atento ao quadro abaixo para perceber como cada ação será realizada.

Passos importantes para os ensaios



Reunir-se com os grupos que já foram previamente definidos;



Definir quem ficará com cada personagem, além disso quais serão suas características (personalidade, vocabulário, modo de falar, figurino etc);



Estude a cena para entender o que deverá ser incluído na apresentação. Fique livre para adaptar as falas das personagens;



Leia e releia o texto até decorar as falas definidas pelo grupo. Após esse momento, planeje com o professor a movimentação das cenas.

Apresentação da adaptação do Auto Natalino



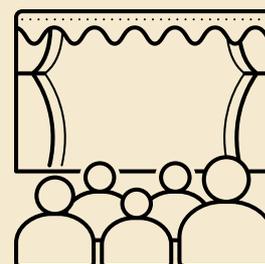
Fonte: <https://uepb.edu.br/museu-de-arte-popular-da-paraba-recebe-exposicao-a-feira-de-campina-grande-poeiticas-e-imaginarios/>



Ação!

Após todo processo de planejamento da apresentação e ensaios para a realização da encenação teatral, é chegado o momento de dramatizar o auto natalino para a comunidade escolar.

Junte-se com seu grupo para organizar o ambiente onde acontecerá a apresentação e separe os materiais necessários a montagem da peça: figurino, maquiagem, cenários, objetos de cena, músicas, etc.



ATIVIDADE I

1. Construa um mural com as fotografias que registram a sua participação ou de seu grupo durante a participação na encenação teatral;
2. Utilize o espaço em branco abaixo para dar um título ao seu mural;
3. Coloque uma pequena legenda abaixo da fotografia.

Coloque seu título aqui.

Cole sua foto aqui.

Cole sua foto aqui.

Cole sua foto aqui.

Cole sua foto aqui.

Estamos no final deste módulo didático e gostaríamos que você registrasse abaixo o que aprendeu ao longo do projeto. Gostou da experiência? Conte-nos tudo!

A large white rectangular area with a light blue background, designed for writing. It features a vertical column of 18 small circles on the left side, resembling a spiral binding. The writing area is divided into three sections by horizontal lines. The top section has 6 lines, the middle section has 10 lines, and the bottom section has 2 lines. A dashed red line is at the bottom of the writing area.

Referências

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

FERRAREZI Jr., C. **Semântica para educação básica**. São Paulo: Parábola, 2008.

RAMALHO, M. L. N. **A feira: O trovador encantado**. Organização de Ria Lemaire. Introdução de Maria de Lourdes Nunes Ramalho, Valéria Andrade e Ria Lemaire. Prefácio de Francisco Salinas Portugal. Campina Grande: EDUEPB; A Coruña: Universidade da Coruña, 2011. p. 29-51.



Anexos

A FEIRA

Personagens

Filó, mulher da zona rural
Zabé, sua filha
Bastião, filho retardado de 15 anos
Chico das Batatas, feirante
Malandro, marginal
Homem da Cobra
Almira, tapioqueira
Dentista
Verdureira
Louceira
Rapa
Fotógrafo
Vendedora de Palha
Zé da Raiz
Trocador
Pirrola
Cego
Aleijado
Outros tipos encontrados nas feiras.

Cenário

Palco nu para que seja armada a feira.

ABERTURA

(Foco sobre o cantador que toca viola a um canto do palco.)

CANTADOR

– Serra acima está Campina
Grande é a sua feira
tem gente de toda classe
da primeira à derradeira.

– Tem gente besta e sabida
analfabeto e doutor
suspirando ombro a ombro
segundo as leis do Senhor.

Uns traz fardo na cabeça
no balaio, no caçoá
trouxa, embrulho, saco, cesta
tudo serve é só pegar.

– Vem o caminhão roncando
carroceria entupida
de gente que compra, vende
e sofre, mas ama a vida.

– Se o pobre traz a esperança
escondida na cangalha
traz o malandro a peixeira
onde a morte se agasalha.

– De toda parte chegando
honra e desonra ele tem
se uns vem pra ser enganados
os que engana também vem.

– Noite se faz madrugada
manhã, tarde, anoitecer
na feira – riso – que é vida
gemido – que é morrer.

(Termina o canto e entra um apimentado baião. O cantador sai. Foco lateral, como sol que nasce sobre feirantes que vêm chegando e compondo a feira com objetos típicos. A luz aumenta, como se o dia avançasse, ronco de caminhão velho chegando e parando. Com outros, surgem Zabé e Filó. A música silencia.)

QUADRO 1 *Zabé e Filó*

ZABÉ Chega depressa, mãe, parece que tá peada¹?
FILÓ Peraí, menina, é a dor me tomando de novo a arca do peito.
ZABÉ Ô conversa abusada. É uma dor aqui, outra ali, outra acolá.
FILÓ É, quem sente a dor é que sabe gemer. – Enquanto vocês num acharem eu
TESA² num canto, num diz que eu tou doente.
ZABÉ Num já veio se consultar? – Agora largue essa cara de enterro – parece até
que deixaram a porta do cemitério aberta?
FILÓ Que culpa tenho eu de viver amorrinhada³, esquecida?
ZABÉ Esquecida? – Será que esqueceu o dinheiro?
FILÓ O da cevada ou o das galinhas?

¹ com as pernas presas, com pêias, de prender burro. Em todos os quadros, acrescentar os nomes das personagens que vão aparecendo.

² dura, rija, morta.

³ fraca, cansada.

ZABÉ Todo. – Pensa que aquilo é nada pros meus aprontamento⁴?

FILÓ Também tem minha consulta e a distração⁵ dos dentes de Bastião.

ZABÉ Bastião consulta no posto, dão até mostra grátis e a senhora vai pra maternidade.

FILÓ Vôtes⁶. – Eu num vou ter menino!

ZABÉ Num tem isso não e passe pra cá o meu dinheiro.

FILÓ Quando chegar num canto reservado eu dou, que tá inquirido⁷ num saquinho, na alça da camisa. – Será que perdi alguma coisa?

ZABÉ Se perdeu, bem feito. Só sabe andar com uma ruma de muafo⁸...

FILÓ Que muafo? É uma muda de calça e camisa pra Nequinho – faz uma semana que o pobre veio pra rua só com a roupa do couro.

ZABÉ Quem manda ele ficar batendo perna por aí? – Bem podia ter ido pra casa, cuidar⁹ dos que fazer.

FILÓ Seu pai é homem de bater perna? – Ele tá é aperreado pra dar conta do aleio¹⁰. – trazer um horror de feijão velho pra vender num tempo desse... O patrão fez sabedoria, se livrando de dois silo¹¹ de feijão destiorado¹² nas costa do pobre – e agora ele que dê volta no corpo, mal comido, mal dormido... Vamo esperar por Bastião aqui, Zabé.

ZABÉ Será que aquela beleza num sabe o caminho? – Trazer aquele leso...

FILÓ E era de deixar em casa, com o dente apostemado¹³? – Vamo esperar que eu já tou zonzinha e com as perna tropa¹⁴...

ZABÉ Só pode. – Vinha andando de costa, feito caranguejo. – Eu lhe preveni pra num viajar encostada na cabina...

FILÓ E eu era de vir solta no lastro, feito equilibrista? – Cada catabi¹⁵ o povão arriava por riba uns dos outros... Bando de homem sem estilo, vê as mulher se atrependo¹⁶ e num dá um canto na boléia – fica é tudo lá, bem de seu...

ZABÉ E eles ia bem sair pra dar lugar à senhora. Hoje em dia homem num liga mais pra mulher não, isso fica pro tempo do ronconcom¹⁷. – Num vê o triste do Dedé, que só vive dizendo: “– Mulher é como papel de bodega – só vai com uma pedra em cima”.

⁴ enxoval de casamento..

⁵ extração.

⁶ expressão de repulsa.

⁷ escondido.

⁸ conjunto de objetos reunidos em pacotes, trouxas.

⁹ cuidar.

¹⁰ alheio.

¹¹ depósitos onde se armazenam mantimentos.

¹² deteriorado, estragado.

¹³ infeccionado, com pus.

¹⁴ trôpega.

¹⁵ solavanco.

¹⁶ subindo.

¹⁷ expressão que indica um tempo há muito passado.

FILÓ Pode num ligar pra umas coisas, mas pra outras... Num viu quando a gente foi se assubir? – Você, nem tanto, que tava com calça de homem, mas eu, por mais que arrepanhasse a saia entre as perna, os que tava em baixo chega descangotava¹⁸ o pescoço – vê se me pegava descomposta...

ZABÉ Ora, pernas são canelas – merda pra quem olha pra elas.

FILÓ É, mas se a gente descoida¹⁹...

ZABÉ Ô besteira – a senhora num tava forrada?

FILÓ Num é que eu também me esqueci? – No caminho foi que me lembrei que a danada da calçola, desde o ano passado, ficou em casa de comadre Severina...

ZABÉ Tá vendo? – Costume de casa vai à praça. Lá vem Bastião. Agora vamo embora.

QUADRO 2

(Luz sobre o Homem da Cobra.)

HOMEM Chega, minha gente, olha a cobra miraculosa, oriunda das águas do Amazonas, pescada na pororoca, encontro do rio com o verde-azul do oceano. – Encosta, minha gente, não é gogó de ema nem pescoço de girafa, é o óleo de peixe piraquê²⁰ e a água eletrificada pelo peixe elétrico. – compra um vidro e leva três – é o agrado do freguês. – T’aqui um pra cavaleira, outro pro cidadão, outro pro Homem da Cobra que é amigo do cão. – Viva Deus e viva o Diabo, viva um prato de feijão.

(A família se aproxima, admirada.)

ZABÉ Meu senhor, pra que serve este remédio?

HOMEM Este poderoso inseto – cura ataque de sezão quando o caboco amarela – que nem fulo de algodão.

FILÓ Serve pra espinhela caída?

HOMEM Sara dores incausadas – e catarro mal curado que esverdeia o camarada – e deixa o peito cerrado.

ZABÉ Serve pra estrepada de lasca de pau?

HOMEM Pra nó na tripa gaiteira²¹ – dessas dor de estrebuchar, pra tresvalia²² e frieira – é só abrir e cheirar.

FILÓ Serve pra ataque de amorróia²³?

¹⁸ desconjuntar o cangote.

¹⁹ descuida.

²⁰ piraquê; peixe-elétrico.

²¹ intestino.

²² alucinação, desvario.

²³ hemorróidas.

HOMEM Doença do coça-e-cheira – com repuxão no sedém quem é que num faz besteira – se a coceira vai-e-vem?

BASTIÃO Ai, meu dente inchado!

HOMEM Se o dente é só um caco – pegue o óleo e pingue um pouco, risque um fosco²⁴ no buraco – que o dente sai no pipoco! – É como eu digo, a coisa dá certo como dedo em venta. – Pediu, recebeu, pagou, levou! [ou, ... venta – pediu, recebeu, pagou, levou!]

ALMIRA (*Entra correndo.*) – Muito bem, seu cabra safado, atrás de você andava eu. – Que água de peixe elétrico que nada. – T’aqui seu frasco de mijo podre, com cheiro de amoníaco²⁵ que embebeda tudo – e agora você vai beber pra deixar de sacanagem. (*Forma-se um rolo de briga.*)

QUADRO 3

Chico das Batatas

CHICO (*Canta.*) – A minha batata é quem mata a fome, come dela o rico – pobre também come.

ALMIRA Quanto é o quilo, freguês?

CHICO Mil e quinhentos, mas tá tinindo de boa. (*Canta.*) – Batata nova – escorrendo leite, sem purgão nem broca – boa sem defeito.

ALMIRA Ai que tá se danando tudo. – Que batata cara é essa?

CHICO Cara? – A senhora num tá assuntando os preços por aí não? Hoje assubiu tudo de novo. A gente só vê a reclamação: “– Abaixе os ovos, fulano – abaixе a macaxeira sicrano”.

ALMIRA Se toda fruta subiu, a banana deve tá naquela base.

CHICO É a gasolina, dona.

ALMIRA Me diga, quando você planta batata, agôa ela com que?

CHICO Eu num agôo, a rama é que chupa água da terra.

ALMIRA Chupa água e não gasolina. – Me diga mais – em que você traz sua mercadoria pra feira?

CHICO Nos burros de carga, ora...

ALMIRA E esses burro bebe o quê?

CHICO Bebe água, água...

ALMIRA E onde foi então que entrou a gasolina pra você subir essa batata desse jeito? – Ladroeira. – Ou pensa que roubar é só tirar do bolso como esses ladrãozinho da feira? – Pois eu num dou gosto a pirangueiro não. – Vou esperar a feira do bacurau pra comprar mais barato. (*Sai arrebitada.*)

²⁴ fósforo.

²⁵ amoníaco.

CHICO (Canta.)
Olha a batata.
– É roxa e graúda
e enxuta também
fruta igual a essa
na feira num tem.

FILÓ (Entra com os filhos.) – Pia quem tá ali – Chico das Batata.

CHICO Comadre Filó, Zabé, Bastião – tudo lorde²⁶! – Vieram pra feira?

ZABÉ Nada, mãe veio se consultar, distrair os dente de Bastião – e eu vim comprar meus aprontamento. Num vou casar com Dedé, seu Chico? – Mas mãe, enquanto num tirar notícia de pai...

CHICO Comadre, eu vi Nequinho trás-anteonte²⁷, vendendo feijão de cuia em cuia, de litro em litro nas barraca da feira... Mas agora que a safra nova tá aí – quem diabo mais vai querer comer velha?

FILÓ Que é que eu faço pra achar meu velho, uma falência desadorada²⁸, um bolo assubindo do estambo²⁹...

CHICO Comadre já comeu alguma coisa hoje?

ZABÉ Nós só quebremo o jejum com um golpinho de café.

CHICO Criatura, seu mal é fome. Eu também inda num comi nada, hoje.

BASTIÃO Eu também num comi nadinha. Me dê uma batatinha, seu Zé.

CHICO Ô xen³⁰, batata crua? – Vamo ali na barraca das tapioca que a gente engana o bucho.

BASTIÃO Apois me dê um engana buchinho pra eu comer...

QUADRO 4

Barraca da Tapioqueira

TAPIOQUEIRA (Canta.) A minha tapioca todo mundo apriceia³¹, doutor de anel no dedo – e cabra de peia.

CHICO (Chega com o pessoal.) Tem tapioca boa aí?

TAPIOQUEIRA – Pra gente branca e boa
tem beiju de coco
pra cabra severgonho
tem banana e soco.

²⁶ bem arrumados, bem vestidos, como lordes.

²⁷ quatro dias antes.

²⁸ abominável.

²⁹ estômago.

³⁰ expressão de espanto.

³¹ aprecia.

– Aqui tem massa puba
que dá papa e angu
quem não quer gastar dinheiro
soque ele no... baú.

BASTIÃO Tapioca. – Eu quero tapioca de coco.
ZABÉ Deixa de sem modeza³². – Espere que já se compra.
BASTIÃO Dona, me dê uma tapiocinha pelo amor de Deus.
TAPIOQUEIRA É quinhento réis uma – quantas quer, queixo inchado?
ZABÉ Peraí, dona, num é ir logo enchendo a pança desse godero³³ não.
BASTIÃO Arreganhe aí sua tapioca³⁴ pra eu ver se tem coco dentro.
TAPIOQUEIRA Mande a mãe arreganhar primeiro.
BASTIÃO (*Observando.*) Ô mulher da tapioca roxa!
TAPIOQUEIRA Mais roxa é a da mãe, num já disse?
FILÓ Que mal lhe fiz, dona, pra senhora se sair com um palavreado desse pra minha banda?
TAPIOQUEIRA (*Ao ver Bastião pegar as tapiocas.*) – Ei, tire as pata daí que isso tem dono. – Sei lá se tu num dormiu com as mão atolada nas virilha?
ZABÉ Deixe de mexer no alheio, seu escanzinado³⁵. – Tará com a cilibrina³⁶?
BASTIÃO Cilibrina. – Eu quero comer cilibrina. Ai, meu caco de dente.

(*Malandro se aproxima e observa família.*)

FILÓ (*A Chico.*) – O bichinho tá com um bolso de pus no dente...
CHICO Que conversa nojenta pra hora da comida, mulher.
BASTIÃO Ai ,meu dente magoado. Ai, meu saco de pus!
CHICO Comadre, eu vou embora se não provoco³⁷ até as tripa. (*Sai.*)
TAPIOQUEIRA Desinfeta esse peçonhento daqui se não perco os freguês tudinho.
MALANDRO Senhorita, é bom levar o garoto ao dentista.
ZABÉ Ôxen, quem é o senhor? (*Ficam os dois à parte.*)
MALANDRO Sou quem você espera – o homem de seus sonhos. – Quero te ajudar.

³² falta de modos.

³³ olho-gordo; quem tem gosto pelo alheio.

³⁴ tipo de comida feita com goma de mandioca; na linguagem popular, e conforme o duplo sentido alavancado na expressão 'tapioca roxa', é um dos sinônimos para a o órgão genital feminino.

³⁵ esganado de fome.

³⁶ no sentido de estar danado da vida.

³⁷ vomito.

ZABÉ Ajudar como?

MALANDRO Seu irmãozinho não está dodói? – Tenho um amigo, dentista famoso que resolve logo o causo. Vamo lá?

ZABÉ Dentista famoso é muito dinheiro. A gente num pode não.

MALANDRO Vai por mim. – Num posso é ver a senhorita preocupada, a senhora sua mãe sofrendo, o garoto aperreando...

ZABÉ Mas o senhor ter trabalho com a gente – é muita bondade. Como é seu nome?

MALANDRO Meu nome é meio estranja³⁸, mas se quer saber... É Rodolfo. Rodolfo Valentino... da Silva, um seu criado.

ZABÉ Que nome esquisito... eu nunca tinha visto...

MALANDRO Sangue azul nas veias... primo do xeique de Agadir.

ZABÉ A fala também é cheia de língua...

MALANDRO Dá-se o causo... Não é porque eu quero, é porque posso. Sou das Arábias – pô.

BASTIÃO (Que escutava.) Ai, minha panela podre. – Ô gosto de merda na boca. – Ô gosto de manteiga rançosa.

MALANDRO O pobre do garoto gemendo. – Vamos ao dentista, ele não cobra nada.
(Zabé cochicha com a mãe, que lhe olha desconfiada pro Malandro.)

FILÓ Vai não, que num vou lhe soltar mais um desconhecido.
(Malandro faz sinal a Zabé insistindo.)

ZABÉ O dentista vai distrair de graça, mãe.

FILÓ Se é assim, pode ir, mas, qualquer enxerimento da parte desse sujeito – abra a boca no mundo – e feche as perna.

QUADRO 5

Barraca do Dentista

DENTISTA (Faz a barba dum sujeito.)
– Distraio dente doente
caco podre, apostemado
arranco barba em defunto
cabelo em doido amarrado

– Panarício de botão
sinal de todo quilate
tiro antraz de carnegão
com a força deste alicate...

³⁸ estrangeiro.

MALANDRO (Entra.) – O prezado está muito ocupado aí?

DENTISTA – Cabelo, barba ou dente?
Com dor, sem dor ou na tapa?
Com taico? Com aico ou pente
– de jeito nenhum escapa.

MALANDRO É uma queixada³⁹ minando peçonha – destronque tudo duma vez.
(Sentam Bastião na cadeira, enrolam com um lençol.)

DENTISTA – Deixe eu forrar a cadeira
– aqui vem cada despacho!
Tem gente que faz besteira
gente grossa gente fina
que enquanto eu catuco em cima
a resposta vem porbaixo.

ZABÉ Puxe com pena, doutor.

DENTISTA – Se eu for puxar com pena
fica o menino empenado
e grita, estrebucha e corre
o dente fica abalado
infecciona, ele morre
fico eu desacreditado.

MALANDRO A boca está bem aberta, doutor?

DENTISTA – Se não abrir, dá-se um corte,
já que é atrevido,
de cada canto da boca
pra cada canto de ouvido.

– Vai ficar que nem palhaço
com a boca escancarada
quer sofra quer teja alegre
– será eterna a risada.

(Agarram Bastião.)

– O dente dele, eu senti,
tem raiz no coração
o nervo afeta o juízo
por isso que é mandrião
só pode ser distraído
– na marra, no supetão.

(Enquanto ele fala, Bastião foge. Correm todos atrás.)

³⁹ mandíbula, queixo.

QUADRO 6

Verdureira

BASTIÃO	(<i>Pelo meio da feira.</i>) – Mãe, mãe, acuda que ela me deu um coice.
VERDUREIRA	(<i>Correndo atrás.</i>) – Tarado. Tarado severgonho, se tu num tem pai eu te ensino a viver.
BASTIÃO	Um coice. – Ela danou um coice no meu saco inchado.
VERDUREIRA	Coice o quê! – Foi um ensino pra você deixar de ser enxerido.
FILÓ	(<i>Entra.</i>) E o que foi que o menino fez, dona?
VERDUREIRA	Dessa feita foi só um soco, mas de outra vez ensino a esse desgramado com quantos pau se faz uma canoa.
FILÓ	O menino é doente e a senhora num é mãe pra tá exemplando ele não.
VERDUREIRA	Deus me livre de ter botado no mundo um besouro mangangá ⁴⁰ desse, mas é que quando num tem quem ensine – mestre mundo ensina.
FILÓ	A senhora num se meta a danar a peia em filho dos outros não.
VERDUREIRA	Tinha que ver, o safado faz coisa feia meidia ⁴¹ em ponto – e num se diga nada?
FILÓ	Num pense que ele é defunto sem choro pra apanhar e ficar apanhado não – se der de novo se arrepende – ele tem família, viu?
VERDUREIRA	Pode ser filho até da besta-fera – fez – leva o troco. – Ou você tá pensando que sou mulher de pagode? – Se eu quisesse ser ruim, ia me encostar a pau que desse sombra e não a um lheguelhé ⁴² que num tem no cu o que um periquito roa.
FILÓ	A senhora meça suas palavras que num tá falando com canalha não.
VERDUREIRA	Quem será tu, chaboqueira ⁴³ , pra mandar, pra mandar eu me calar? – Uma beradeira ⁴⁴ velha que num tem onde cair morta.
ZABÉ	(<i>Entra com o Malandro.</i>) Dona, ninguém é de briga não, bote água na sua fervura que fica mais decente.
VERDUREIRA	É que eu tou falando e esse caco de torrar sebo ⁴⁵ ...
FILÓ	Caco de torrar sebo, mas num tenho a boca porca como a sua.
VERDUREIRA	Porco é esse desembestado.
BASTIÃO	(<i>Grita.</i>) Ai, meu queixo distraído!
ZABÉ	Deixe o labacé ⁴⁶ e conte o que aconteceu. Tá tudo na missa ⁴⁷ ...

⁴⁰ besouro grande, enorme.

⁴¹ meio-dia.

⁴² Pessoa desclassificada.

⁴³ grosseira, tosca, mal-feita.

⁴⁴ quem vive como retirante, em beira de estrada.

⁴⁵ algo completamente sem valia; alguém que está assemelhado a um fragmento de algo que de nada mais vale.

⁴⁶ confusão.

VERDUREIRA Foi esse marginal da peste...

FILÓ Num ofenda o inocente...

VERDUREIRA Inocente uma ova. – Um taradão é que ele é.

ZABÉ A senhora num vê que o menino é adoidado?

VERDUREIRA Pois remédio de um doido é outro na porta.

ZABÉ E o que foi que ele fez?

VERDUREIRA E vocês num sabe? – Morde aqui! – A bebé! Quer uma dedada de papa?

BASTIÃO Dona, me dê uma dedada!

MALANDRO A senhora já gritou meia hora e não disse o que aconteceu.

VERDUREIRA Pois eu lhe digo já. – Tava com meu balaio no chão, vendendo a minha verdura, quando chega este cabra safado, abre a gaiola, bota o passarinho pra fora e verte água em cima de tudo que é de folha.

MALANDRO Que passarinho é esse que o menino tem e ninguém vê?

VERDUREIRA É igualzinho ao que o senhor tem aí também – se é que tem!

FILÓ Isso é falso testemunho.

VERDUREIRA Eu cegue da gota serena se num foi verdade – aí mandei-lhe o ...

BASTIÃO (*Grita.*) ... coice na dor do meu saco, ai, ai...

FILÓ A senhora deu no meu filho? – Pois se for feme⁴⁸ dê de novo.

VERDUREIRA É pra já. (*Passa o soco e Bastião cai esperneando.*)

FILÓ (*Admirada.*) Pois a malvada num deu mesmo? – Alevanta, neném... Essa judeuza⁴⁹ tem coragem de judiar até com a imagem de Cristo.

VERDUREIRA (*Satisfeita.*) E tem mais – vai me pagar o prejuízo. – Paga verdura com balaio e tudo – ou paga ou chamo já a polícia.

MALANDRO Um momento, dona. Quanto é mesmo que a senhora pede por essas porcaria?

VERDUREIRA Porcaria, mas tem que passar pra cá trinta conto de réis.

MALANDRO Metade. Vai receber metade, e caladinha, se não chamo o fiscal. Sei que a senhora num tem licença pra vender...

VERDUREIRA Diabos te leve, atrasa-bóia⁵⁰ do inferno. – Apois paguem quinze.

FILÓ Agradecido, moço, por essa caridade... (*Paga. Verdureira sai*)

ZABÉ O senhor só tendo trabalho com a gente...

MALANDRO Estou na feira para reparar as injustiça – às suas ordens, madame.

FILÓ MADAME. – Visse, Zabé, que homem decente? Me chamou madame...

⁴⁷ no sentido de não entender nada, em referência à missa rezada em latim, que não era compreendida pelo fiéis.

⁴⁸ fêmea.

⁴⁹ capaz de judiar, maltratar alguém.

⁵⁰ maçador.

ZABÉ Tá bom, mãe, agora vamo comprar os meus aprontamento.

MALANDRO Aprontamento? – A senhorita vai casar?

ZABÉ Já tou de data marcada – é com um vizinho da gente.

MALANDRO Sabe que isso me corta o coração? – Ainda bem que casamento se acaba até na porta da igreja.

ZABÉ O senhor acha? – pois no mato se diz: “casamento e mortalha – do/no céu se talha.”

MALANDRO Se aguarde, senhorita. Quem sabe se nossos destino ainda vai se cruzar? – A cigana me disse que uma linda mocinha vai me amarrar.

(*Malandro sai. Família vai à barraca da Louceira.*)

QUADRO 7

Barraca da Louceira

LOUCEIRA (*Canta.*)
– Panela de barro, quartinha, alguidar,
quem quer louça fina é só encostar
tem pote e tigela pro bom de comer
o segredo dela é somente mexer.

ZABÉ (*Chega.*) – Ei, que loucinha galante.

LOUCEIRA Compra, menina – faz o de comer
Se pega no fundo é somente mexer.

ZABÉ Mãe, eu quero comprar uma loucinha dessa.

FILÓ Pra que? – Eu também num alevanto louça de barro?

ZABÉ Eu num vou querer aqueles mondrongo⁵¹, com as boca torta, assim...

FILÓ Tu só dá valor a coisa comprada porque cheira a zinabre⁵²...

ZABÉ Pobre é um bicho cagado da rã preta mesmo. – Num pode querer nada que vem logo o corte em cima: – num pode. – E, pela vida afora, só é a cantilena que se escuta: num pode, num pode, num pode. – Arre lá vida dos infernos.

FILÓ Paciência, menina, mais sofreu Nosso Senhor na cruz.

ZABÉ Paciência coisa nenhuma. – A senhora se fazendo de doente por cavilação⁵³, Bastião se fazendo de leso por safadeza e eu morrendo de vergonha, na rua, na vista do povo decente, ora tenha paciência. – E as coisa bonita aí, que a gente vê com os olhos e come com a testa!

⁵¹ objeto mal-acabado, feio, desprezível.

⁵² azinhavre, verdete de cobre; neste caso, aquilo que é comprado com dinheiro, ou seja, que ‘cheira a cobre’, em oposição aos objetos artesanais feitos para uso pessoal.

⁵³ malícia, falsidade.

FILÓ *(Amargurada.)* Doente por cavilação, eu que vivo botando a alma pela boca. – Meu filho leso por safadeza? Quem teve uma febre tão grande que pasmou o juízo? – Cada qual como Deus o fez!

(Bastião foge e vai brincar com os bois de barro da Louceira.)

ZABÉ E porque Deus foi fazer uns podre de rico e outros lascado da vida? – Por que ele foi tão ruim pra nós?

FILÓ Num agrave o céu com tanta blasfêmia que você pode ser castigada. – Como pobre, nunca lhe faltou comer pro bucho e pano pra lhe cobrir as vergonha.

ZABÉ Grande coisa – feijão puro e chita ruim...

FILÓ E um noivo pra você respeitar.

ZABÉ Um beradeiro mal enjorcado⁵⁴ e fedorento – que noivo, hein?

FILÓ Essa menina num pode ver um almofadinha que fica toda melindrosa. – Pensa que vai depressinha achar marido que lhe dê estado? Isso fica pras moça estudada, rica...

ZABÉ Então a senhora acha que a gente, porque nasceu com as ventas na merda, vai viver a vida inteira assim, é?

FILÓ Com as venta na merda nasce todos nós, ricos e pobres – nasce tudo do mesmo buraco...

ZABÉ A senhora contava tanta estória bonita quando a gente era pequeno... que se ia viver numa casinha caiada, de porta e janela azul, vestindo roupa de seda, sapato comprado nas loja, comendo doce com queijo... cadê tudo isso, mãe? – Mentirosa.

FILÓ Era tudo o que eu sonhava... enganava vocês e me enganava também... lavava os molambos com que vestia os dois, dizendo a mim mesma que era roupas de setineta e cambraia...

ZABÉ ... dava pra se comer rapadura preta inventando que era doce de lata... e a gente comia, contente, fazendo de conta...

FILÓ Menino é tão fácil de enganar... num sei pra que você cresceu, pra ver essas coisa cara... querer... e eu num poder dar... – Bastião é que, no juízo, ainda é pequenininho, só esticou o corpo, mas lá dentro, ainda é o mesmo...

(Bastião, mais adiante, brinca com os bois de barro dando-lhes verdura.)

BASTIÃO Faz de conta... faz de conta que você é o boi... coma, boinho. – Faz de conta... que você é a vaquinha leiteira... coma, vaquinha. – Faz de conta que eu sou o vaqueiro – Eh, boinho. – Eh, eh, coma, gadinho do curral... coma, boi manso... mansinho...

(A Louceira que escutava a conversa de mãe e filha, nota o menino com os bois e, de repente, salta sobre ele.)

LOUCEIRA Tire a mão da peia que a besta é alheia. *(Tenta tomar os bois.)*

BASTIÃO Meu boinho. É meu. Eu achei, eu achei.

⁵⁴ mal vestido, que se vestiu às pressas.

LOUCEIRA Achou o quê, sabidinho, aqui pra levar tem que pagar.

FILÓ Deixe o bichinho, dona, que ele num tem saúde.

LOUCEIRA Ah, ele é doente, LALAU, é? – Pois sabe onde tem o doutor especial pra isso? – No xilindró.

ZABÉ Bastião, solte a porqueira da mulher.

BASTIÃO Solto não, é meu, eu achei, pronto.

LOUCEIRA Achou o que, descarado, você faz RÓ-RÓ⁵⁵ assim, na cara-de-pau?
(*Avança pra Bastião que esconde os bois gritando.*)

BASTIÃO Num dou, é meu, eu achei, achei...

FILÓ (*Intervém.*) – A senhora tá com o capiroto pra judiar com o menino? – Eu pago os boi, fico sem um tostão, passo fome – mas faço os gosto do bichinho. Tome aqui, é dez? É vinte? – Agora, meu filho, brinque, mãe comprou os boinho pra você...

(*Gritos lá fora: “- Olha o Rapa! – Lá vem o Rapa!” Correria.*)

QUADRO 8

O Rapa

(*Vem povo correndo e, atrás, o Rapa. Todos desaparecem de cena, ficando apenas o Rapa e a família.*)

RAPA (*Vendo Bastião com o balaio.*) Peguei, até que enfim te peguei, cabra safado. (*Avança e tenta tomar o Balaio de bastião.*)

BASTIÃO (*Segura o balaio.*) Me dê, é meu. Meus boinho...

RAPA Num tem vergonha de vender no mole? – Passe pra cá a verdura.

BASTIÃO Me dê, é minha, é do boinho, ele tá aí, comendo. É minha.

RAPA Minha o quê. – Num sabe que tá indo contra a lei da justiça?

BASTIÃO Solte meu balaio, danado. Me dê meus boinho. (*Agarra o balaio.*)

RAPA Solte! Se num soltar por bem solta por mal. (*Tenta tomar.*)

BASTIÃO (*Lutando.*) Ai, meus boinho, eu lhe dou um coice.

ZABÉ Solte o menino, seu rapa.

RAPA Rapa o quê, atrevida, eu sou é guarda municipá!

FILÓ Ninguém quer saber o que o senhor é não – solte meu filho.

BASTIÃO Mãe, ele tá agarrando eu. – Eu dou uma cuspidinha nele.

RAPA Pensa que pode vender no mole sem pagar imposto?

ZABÉ (*Tentando tomar o balaio.*) Quem diale⁵⁶ tá vendendo nada aqui?

⁵⁵ roubar, furtar.

RAPA Pensam que podem me enganar? – Marche pra frente, cabra ruim.

BASTIÃO Solte eu! – Dou uma dentada com meu caco de pus!

RAPA O quê, seu puto? – T’aqui pra aprender a respeitar meu quepe.

ZABÉ *(Ao vê-lo sacudir Bastião.)* O senhor num tem esse direito, viu?

RAPA Cale a boca, bichota, se não te levo também.

FILÓ Largue o menino, Juda Iscariote.

RAPA Quer entrar na dança também, velhinha?

FILÓ Tenha mais respeito – sou lá mulher de dançar no meio da rua!

RAPA Deixem de conversa comprida se não marcham com balaio e tudo! Levo tudo em cana.

BASTIÃO Eu tomo esse cacete.

RAPA *(Cutucando-o com o cassetete.)* Toma uma de agrado.

BASTIÃO Mãe, ele tá enfiando o pau em eu. – Ai, seu cara de veado.

RAPA *(Manda-lhe a mão.)* Pega a bolachada. Outra. Outra...

ZABÉ Covarde – dando no menino.

RAPA Toma também, rapariga⁵⁷. *(Derruba Zabé.)*

FILÓ Amaldiçoado. *(Avança no Rapa, mas leva um soco e cai.)*

RAPA Sai pra lá, troço velho. *(Enquanto as duas lutam com o Rapa, este solta Bastião.)*

ZABÉ *(Grita.)* Dana o pé na carreira, Bastião.

RAPA *(Vendo que o menino fugira.)* Peraí que vocês me pagam. *(Pula dentro do balaio e, com as botas, esmaga verdura e bois. Bastião, que olhava de longe, volta correndo.)*

BASTIÃO Meus boinho. Quebre não. Quebre não. *(Mete as mãos dentro do balaio, tendo-as machucadas pelas botas do Rapa.)*

BASTIÃO Ai, minhas mão, ai, dói, dói.
(Zabé e Filó ajoelham, tentando tirar as mãos do menino, mas têm as suas também pisadas. Grita. Rapa pára e grita por sua vez.)

RAPA Parem com isso! Cale a boca todo mundo! Fiquem quietinhos se não quiser ir tudo dormir no xadrez. *(Silêncio e imobilidade repentinos. E, no silêncio, cresce, imperativa, a figura da autoridade, humilhando e pressionando os humildes agachados a seus pés.)* Vocês tão pensando que aqui é casa de Noca⁵⁸? – Tão pensando que é graça desacatar uma otoridade? – Tudo aí quietinho, fuçando o chão, do contrário vão tirar umas férias na delegacia. – Num sabem o que é o respeito à farda? – Nem ao quepe? – Mas, pelo menos, respeito às botas aprenderam a ter. –

⁵⁶ diabo.

⁵⁷ rameira, prostituta.

⁵⁸ o mesmo que casa da sogra, lugar em que o dono não tem mando.

Enquanto doer a dor das patas esfoladas, vão se lembrar que um guarda tem que ser res-pei-ta-do. *(Dá meia volta sobre si mesmo e sai, imponente, em passos cadenciados. A família continua um tempo agachada, imóvel, até que Zabé explode.)*

ZABÉ Eita, porqueira de vida, merda de vida, bosta de vida. – Eu num agüento mais, num agüento, num AGÜENTO! *(Cai num acesso de choro.)*

FILÓ Que é isso, minha filha, tenha paciência.

ZABÉ Eu só queria morrer, me acabar, levar fim que isso num é vida de gente, isso num é vida que se leve – é um inferno.

FILÓ E que diale você quer que eu faça? –Você se acha com direito de gritar, de reclamar como se eu fosse culpada de ter pobre e desvalido no mundo – e ter esses grandão pra pisar a gente.

ZABÉ *(Soluçando.)* Ah, vida miserável, mãe, isso é um horror!

FILÓ *(Limpendo e acariciando as mãos esfoladas de Zabé.)* O que posso fazer por você, minha filha? – O que pode fazer uma pobre que nem eu, bem dizer às portas da morte? – Eu tou muito mal, Zabé, só Deus sabe as agonia que escondo aqui no peito, sem ter a quem me queixar – e ainda tendo um lesinho como esse pra tomar contar. *(Acaricia igualmente as mãos de Bastião que chora.)*

BASTIÃO Ai, mãe, tá doendo... ele pisou...

FILÓ Ah, terrinha excomungada que num dá uma camisa a ninguém. – Fazer uma coisa dessa com o pobre do meu filhinho... Dá vontade de... Mas... eles são grande demais... Tem nada não, ainda haverá quem puna pela pobreza.

BASTIÃO Tá doendo, mãe... Conte uma estória bonita pra passa a dor...

ZABÉ Estória de Trancoso⁵⁹ só faz enganar a gente e ajudar a esquecer a ruindade desses pestes. Mas a gente precisa é lembrar, lembrar pra um dia se vingar. – Um dia macaco é gente, mãe.

BASTIÃO Conte a estória, mãe...

FILÓ Mais vale uma esperança tarde, do que um desengano cedo. Sim, meu filho, eu vou contar a estória de uma terra... uma terra abençoada – gado pastando no verde – nos rios – o leite correndo... Num tem fome nem tem sede... Os boi gordo, estremecendo – os panelão de coalhada... nos tacho – o queijo fervendo... pra comer com goiabada.

BASTIÃO Pra comer com goiabada – de lata, num é mãe? – Goiaba de lata com queijo fresco... *(Olha de lado e vê o Fotógrafo com sua máquina.)*

QUADRO 9

Fotógrafo

⁵⁹ história fantasiosa, em referência à compilação de histórias populares publicada com o título *Contos e histórias de proveito e exemplo*, feita no século XVI por Gonçalves Fernandes Trancoso, cronista português nascido na cidade de Trancoso.

FOTÓGRAFO – Máquina lambe-lambe que retrata muita gente sendo feia, velha e pobre sai rica, nova e decente.

– O gordo fica elegante, venta apragatada⁶⁰ afila, magrelo fica galante , no retratista-mochila⁶¹.

ZABÉ Mãe, eu preciso tirar retrato pro meu título.

BASTIÃO Tire o retrato do meu boinho, mãe.

FOTÓGRAFO De hora em hora Deus melhora. Venha a família aqui bater uma chapa. – Tem duas de resto.

BASTIÃO Apois bote as duas chapa⁶² em mãe que ela num tem nenhum dente.

FOTÓGRAFO Venha fazer uma pose, dona. Tem até broquê de flor. Venha tirar um retrato pra botar na tampa do açucareiro.

ZABÉ Vamo, mãe. Se a senhora morrer num deixa a cara em canto nenhum.

BASTIÃO Vamo, mãe, a senhora vai morrer.

FILÓ Num era melhor deixar pra tirar no caixão?

FOTÓGRAFO Chega todo mundo que fica mais barato. Depois, a gente leva a velha ali no “Caminho do Céu”, bota ela num caixão, manda fazer pose de defunta e já fica com a lembrança do enterro.

BASTIÃO Faça uma pose de defunta, mãe, pra ver se fica bonito.

FOTÓGRAFO Já tirei de muita gente. Tenho até mortalha aqui, olha. E as flor também, que serve pra vivos e mortos. Vamos minha gente, fique tudo aí numa ruma⁶³, fazendo as pose. – T’aqui as flor: a murcha pra velha que já tá com o pé na cova e a nova pra moça, que tá aberta.

BASTIÃO Uma flor, eu quero uma flor também.

FOTÓGRAFO Homem florado já tá dizendo quem é. – Pra você eu dou um talo duro, vamo, se arrume aí nesse tamborete. – Ô xen, três padaria duma vez só num só acento? – Tenham estilo e deixem a carcaça da velha se assentar. Vocês ficam de pé. Ah, em pé num dá, a máquina corta as cabeça. Fiquem de cocas⁶⁴. Ah, quem já viu tirar retrato se arreganhando desse jeito? – Assim quebra a máquina. Vamo ver – a veia em pé e os dois assentado. Não, a velha sentada e os dois em pé. – Dona, desenrole as perna da cadeira, isso num é fuso não. Agora piorou, de perna escangalhada também não dá. Moça, abra mais a flor. – Menino, abaixe o talo! Moça, tire a mão do quarto que você num é açucareiro não. Que povo mais trabalhoso, quando acerto um o resto desacerta. – Menino, tire a mão de

⁶⁰ achatada

⁶¹ fotógrafo ambulante.

⁶² filme para fotografia, com duplo sentido de dentadura, designada comumente como chapa.

⁶³ agrupados.

⁶⁴ cócoras.

dentro das calça, quer bater a chapa fazendo coisa feia? – Agora sim, a moça tá fazendo continência – pra quem? – Danado é que vai sair tudo sem cabeça: o retrato dos corpo-sem-cabeça! Vão pensar que Mão Branca⁶⁵ andou por aqui... Vamo ver, encoste as três cabeça, agora eu vou soltar...

BASTIÃO (Pula fora.) Colher de pau, colher de ferro – quem soltou esse – tá no inferno.

ZABÉ Bastião tá se estirando, viu?

BASTIÃO Quem primeiro sentiu – daí saiu.

FOTÓGRAFO Com esse cabrito pinotando assim num vai. – Fique tudo quieto, quando eu soltar o passarinho...

BASTIÃO (Pula fora.) Espeto ferrugento da ponta quebrada – quem te quebrou foi o toca, barroca, do oi⁶⁶ do cu da porca. – Foi ele!

FOTÓGRAFO Eu só num lhe dou uma sova porque tem uma velha pra morrer aqui e eu preciso tirar o retrato antes que ela estique as canela – mas vontade num falta. Vá, cavalo do cão, se arrume no seu canto e procure outro lugar pra agasalhar as mãos que dentro das calça dá uma impressão desgraçada. Agora, deixem essas cara pra hora do enterro e sorriam – digam GIZ.

TODOS GIZ.

FOTÓGRAFO Num é “giz” na carreira não – é bem esticado: - GIIIIIIIZ.

TODOS (Fazendo bico.) – Gizzzzzzzzzz...

FOTÓGRAFO Quem mandou assobiar? – Num é pra chamar passarinho não – é um “giz” pra arreganhar a boca e mostrar os dentes. É assim (Vai onde estão e faz pra a platéia.) – GIIIIIIIZ. Façam e sustentem agora que vou bater.

TODOS GIIIIIIIZZZZZ. (Passa um carregador com um enorme fardo à cabeça, gritando: “– Olhe o sangue, o sangue, o sangue⁶⁷.” Bate nos três e cai por cima deles.)

QUADRO 10

VENDEDORA (Canta.)
– Olha a esteira, a bolsa de palha,
o abano pra se abanar.
Ai abana, oi varre, oi penera...
penerar, penerar, penerar...

(Entra a família carregando Filó desacordada e põem-na no chão.)

BASTIÃO Sinhá Maria do abano, venha cá abanar mãe.

ZABÉ Acuda, dona, que mãe deu uma biloura.

⁶⁵ rede criminosa atuante na Paraíba nos inícios do século XX.

⁶⁶ olho.

⁶⁷ pregão de vendedor de sangue de galinha usado na culinária local na preparação de pratos regionais, como picado e galinha à cabidela.

VENDEDORA (Aproxima-se.) Meu Deus, isso é madrinha Filó? – Vou chamar Zé da Raiz. (Sai gritando.) Seu Zé da Raiz. (Pelo outro lado entra Zé da Raiz.)

ZÉ (Canta.)
– Eu sou o Zé da Raiz
conhecido em todo sertão
e se doutor não mexeu
eu curo qualquer cristão.

VENDEDORA (Entra.) Vamo ali que tem uma mulher caída no chão.

ZÉ – Pra doença bateadeira
chá de barata cascuda
esterco de cabra preta
cocô de rata buchuda.

ZABÉ Passe uma meizinha pra mãe que coisou e inda num descoisou.

VENDEDORA Venha dizer a ele como foi a coisada de sua mãe. (Ficam os três cochichando enquanto o Malandro se aproxima de Filó e Bastião).

MALANDRO Arreda pau e arreda pedra que o doutor chegou. – A dona aqui tá com calor de figo e tem que levar uma massagem no coração. Vamos abrindo a rodinha, vai tudo se afastando que sou doutor formado, enfermeiro três anos na penitenciária modelo. (A Bastião.) – Garoto, vira os olhos pra lá pra num ver as intimidades de tua mãe. (Procura e encontra o saquinho de dinheiro.) – Ah, aqui está a grana da velha otária. – Tudo legal. – Menino, fique aí esfregando tua mãe que ela já tá boa. (Levanta e vai até onde Zabé está conversando.) – Tua mãe está curada. O papai aqui salvou a vida dela e a centenária ficou tão agradecida que deixou nós dois curtir – curtir a ressurreição dela num barzinho, bebendo uma gasosa...

ZABÉ Num tou entendendo nada...

MALANDRO Nem precisa entender. Vamo dar o fora daqui... Depressa. (Arrasta Zabé que sai protestando.)

VENDEDORA Olha ali Madrinha Filó só viva... vamo lá...

ZÉ – Corpo reimoso⁶⁸ e cobreiro⁶⁹
pega-pinto⁷⁰ e mussambê⁷¹
– Intojo⁷², gogo⁷³ e banzeiro⁷⁴
papaconha com ipê⁷⁵.

– Pra mulher com precundia⁷⁶
chá de cipó cabeludo⁷⁷,

⁶⁸ quando o corpo está suscetível à infecções.

⁶⁹ herpes-zoster, infecção viral provocada pelo mesmo vírus da catapora.

⁷⁰ uma espécie de planta que se usa para fazer chá medicinal.

⁷¹ idem.

⁷² enjôo, ânsia de vômito.

⁷³ secreção formada por infecção de garganta, catarro.

⁷⁴ esmorecimento, melancolia, em referência à calmaria ou a banzo, nostalgia mortal que atacava os negros desterrados da África como escravos.

⁷⁵ junção de plantas medicinais, feitas como “garrafadas”, nome que se dá às beberagens utilizadas como remédios.

⁷⁶ tristeza, depressão.

se o homem é quem esfria
coma um boi com chifre e tudo.

– E pra velho aposentado
que num delega mais nada
tome chá de raiz de figo
que levanta até calçada.

BASTIÃO Mãe, fique aí deitadinha no chão que eu vou caçar Zabé. (*Sai.*)

QUADRO 11

TROCADOR (*Canta.*)
– Troco enxada por caneta,
anel por galinha choca,
troco bolsa por lambreta,
rádio portátil por broca.

– Canivete por cangalha,
bacamarte por peixeira,
sola velha por navalha,
cueca por frigideira.

(*Malandro entra arrastando Zabé.*)

MALANDRO Pirrola, trago aqui uma defesa pra você comprar.

PIRROLA Se foi produto daquele arrombamento da casa do médico nem quero ver – a polícia já anda atrás da muamba.

MALANDRO A coisa é papa fina – Olha só o que caiu na rede.

PIRROLA Uma piabinha nova. – Em folha? – Vale uma nota.

MALANDRO Melhor que a do mês passado.

ZABÉ Do mês passado? – Que negócio é esse?

MALANDRO O capitalismo, multinacionais, os cambaus⁷⁸!

ZABÉ (*Desconfiada.*) Sabe de uma coisa? – Quero voltar pra onde tá minha mãe. Num tou gostando disso aqui não e também num sou de enrolada, viu?

MALANDRO (*Mostrando o saquinho de Filó.*) Conhece isso aqui? Presente da tua velha. Pra nossa lua-de-mel.

ZABÉ Ladrão! – Roubou o dinheirinho da gente! Me dê isso que foi suado, só eu sei o trabalho que deu juntar tostão por tostão...

PIRROLA Agüenta as pontas, velho, que a piaba vai estrebuchar...

⁷⁷ planta medicinal.

⁷⁸ expressão utilizada para resumir um conjunto de outras expressões.

MALANDRO Bobona, vou te proporcionar uma vida de divertimento. Vida mansa, bom passadio, noites de farra grossa. Tá por fora da vidinha que vai levar! – Pirrola, me dá aí aquela pulseira de esmeraldas suecas *made in FUNAI*⁷⁹... até parece que tiraram a medida do bracinho dela...

ZABÉ Num quero nada, quero ir embora.

MALANDRO Pirrola, agora aquele colar de diamantes orientais *made in Campina Grande*... Ah, me dá agora o anel de água marinha iraniana *made* no atolado de Cabedelo... Toma, beleza, é tudo teu.

ZABÉ (*Confusa.*) Eu num sei... se quero ou se num quero...

MALANDRO Agora vamos ao que interessa – ganhar dinheiro, sua boba.
(*Arrasta Zabé pra fora. O Trocador grita.*)

TROCADOR Cuidado que na semana passada você perdeu dois anel.
(*Canta.*)
– Troco a grossa pela fina,
troco a carne pelos ossos,
a velha pela menina,
em tudo se faz negócio.

– Tua mulher pela minha,
que também já foi trocada,
a sua pela vizinha
e fica a troca encerrada.

CENA 12

Na frente do cabaré

MALANDRO A gente vai entrar aqui. É um barzinho, onde você vai encontrar muitos otários que vem lhe tirar pra dançar. Não faça cara feia, vá, faça corpo mole pro que eles quiserem – e o dinheiro ta nas mãos da gente.

ZABÉ Eu num vou não – nunca fui nesses canto...

MALANDRO Num tem bicho nenhum – é deixar que eles te agarrem, dancem com remelexo, se esfreguem... depois se gostarem de seu jeito, levam pra cama e pronto.

ZABÉ Me levar pra cama? – Quem?

MALANDRO Tua mãe é que num é... pô – tá fazendo papel de inocente pra cima de mim? – Outra muito mais nova que você, na semana passada, pegou um velhinho do mato que se aventurou por essas banda – e arrancou até a cueca dele... O besta tinha vindo vender um feijão, que quando se viu pelado quis estrebuchar – terminou em cana... Ainda tá na cadeia...

⁷⁹ Fundação Nacional do Índio.

ZABÉ Quem era ele? Como era o nome?

MALANDRO Acha que a gente vai saber o nome de todo puto que aparece aqui?

ZABÉ (*Aflita.*) Eu quero ir embora, quero procurar minha mãe.

MALANDRO Olhe, menina, num venha com fricote pra mim não que se arrepende. Eu num sou nenhum vagabundo, sou homem de negócio, pago obrigações sociais, INPS, FGTS, PIS, PASEP, os cambaus, pra manter minha agência de guerles⁸⁰ e num é uma escrotinha da sua marca que vem botar bocão não, morou?

ZABÉ Eu num lhe pedi emprego, vim pr'aqui enganada – vou pra casa...

MALANDRO Vai pra casa, pra todo mundo bater a porta na tua cara? Ou pensa que a essa hora todo mundo não sabe que você fugiu comigo, pro meu puteiro? – Pensa que o podre do Dedé ainda vai te querer? – Nem tua mãe te bota mais a benção.

ZABÉ Eu me emprego por aí, vou trabalhar.

MALANDRO Trabalhar em quê, se tu num sabe fazer nada? – Vai ser peniqueira⁸¹, lavadeira, cozinheira? – Nem pra isso você serve. – Vai é bater calçada por aí, todos pensando que tu é uma dessas ladronas sifilíticas que se amigam com esses marginais... – Nunca viu as listas das vagabundas que tão saindo nos jornais? – Quando menos se espera amanhece uma queimada – e a polícia num toma nem conhecimento...

ZABÉ Eu vou embora. – Me solte ou então eu ... eu ...

MALANDRO (*Ameaçador.*) Eu o quê?

ZABÉ Eu vou dar parte de você na delegacia.

MALANDRO Ah, é? – Então vai, vai, cadelinha escrota, vai pra eles lá te comerem todo de uma vez. Vai, mas, antes disso, eu te marco, pra tu nunca mais esquecer o homem decente que quis te dar uma oportunidade. – Vai, safada, vai, desgraçada, mas, antes disso – toma, toma, toma... (*Enquanto agarra Zabé com um braço, com o outro bate-lhe violentamente.*)

ZABÉ (*Sufocada.*) Ai, ai, ai, eu fico, eu fico... (*Ele pára e ela escorrega-lhe pelas pernas e cai, soluçando, agarrada a seus pés.*)

MALANDRO (*Passados momentos levanta-a.*) É isso – juízo. – Trata bem de teu patrão, obedece e num terá de que se queixar. – Vamos, limpe os olhos e vamo entrar que lá dentro já tá cheio de freguês. – Eu sou um cabra honesto – só num ando na linha com medo de ser atropelado pelo trem da vida.

QUADRO 13

⁸⁰ maneira de dizer *girls*.

⁸¹ depreciativo para empregada doméstica.

CEGO *(Entra cantando.)*
 – Cidadão me dê uma esmola,
 eu lhe peço é com amor,
 Por caridade lhe peço,
 Cristão de Nosso Senhor.
 Cidadão me dê uma esmola,
 seja lá de quanto for.

(Senta junto ao aleijado.)

ALEIJADO Ganhasse muito dinheiro hoje?

CEGO Ganhei uma ova. – Agora que saí daquela zona, o ganho michou.

ALEIJADO E por que saísse de lá se já tava afreguesado?

CEGO Tu num sabe que em todo canto tem inveja? – Quando um vê a gente bem de vida... Chegou um tal de Zé Cotó, pegou uma amigação com Rita-da-ferida-braba e haja com ciumada pra minha banda. Eu num sou de mandar feme pro bispo⁸², mas, também, fedorenta daquele jeito...

ALEIJADO É, mas tu também dava por onde falar – era só presenteando Rita com pedaço de doce – até cachorro-quente deu...

CEGO Isso num inflói nem contribói: – olhe aqui, eu sou cego, mas num tenho as venta entupida não. – Só encosto em quem num me dê nojo.

ALEIJADO Soubesse que Zefa do olho rasgado morreu? – Pois quando foram levar o colchão dela pra queimar, num é que dos buraco começou a sair dinheiro? – Era cada notona de um, de cinco cruzeiros! – Teve gente que se queimou, pra salvar pelega⁸³.

CEGO Com o degas⁸⁴ aqui num acontece isso – o que ganho estoporo⁸⁵ logo.

ALEIJADO Pia, lá vem dois matuto – vamo ver se cai alguma coisa...

(Vem passando Filó e Chico.)

CHICO Comadre, deixe Zabé e Bastião em paz. – Eles tão se divertindo por aí. – Você precisa é arranjar os duzentos cruzeiros pra tirar Nequinho do xilindró.

FILÓ Eu num tenho de onde tirar dinheiro – o que carregava no saquinho desapareceu... eu perdi... bem que Zabé diz eu sou lesada mesmo. – Será que pedindo esmola me dão?

CHICO A coisa anda muito vasqueira⁸⁶... Mas enquanto eu vou ver se acho um conhecido que lhe empreste, a comadre vai caçando os meninos, vai se divertindo, pedindo uma ajudazinha aqui e acolá.

⁸² expressão em referência ao costume de se mandar tudo o que é de melhor para os bispos, em sinal de conagraçamento.

⁸³ cédula de dinheiro.

⁸⁴ no sentido de alguém que se acha o maioral.

⁸⁵ estourar, sofrer derrame cerebral, aqui no sentido de dar fim.

⁸⁶ tempo difícil, crítico, fraco em relação a chuvas.

– tenha dó do meu penar.
(*Sai.*)

CEGO Já se foi a penarosa?

ALEIJADO Malvado. – Por que num disse a verdade?

CEGO Cada qual tem sua verdade – sabia?

ALEIJADO Com essa eu vou andando... Até sábado, cego velho.

CEGO Velho é o mundo e inda anda virando bundacanástica⁸⁷ por aí...
(*Bastião vem voltando, gritando sempre.*)

BASTIÃO Mãe! Zabé! Eu tou aqui! Mãe, cadê a senhora. Ô mãe...

CEGO Menino, menino... Ô, se eu perder esse menino... MENINO!

BASTIÃO O senhor chamou, foi?

CEGO Você devia ter vergonha, um grangazá⁸⁸ desse ainda chamando pela mãe? Quer ganhar dinheiro?

BASTIÃO Quero, dinheiro eu quero – me dê um dinheirinho.

CEGO Peraí, num é rasinho assim não, você tem que fazer uma forcinha.

BASTIÃO Forcinha? – Cadê a foicinha – o senhor me dá?

CEGO (*Apalpa o menino.*) Se quer ganhar dinheiro, pegue aí a bengala e saia puxando. Vai ser guia de cego.

BASTIÃO (*Segura a bengala.*) Sim, senhor, eu vou ser cego de guia.
(*Sai puxando a bengala pelo chão.*)

CEGO Ôxen, menino, cadê você?

BASTIÃO Tou segurando o pau do senhor.

CEGO Que é isso? – Traga a bengala e puxe – o cego sou eu.

BASTIÃO Ah, é o senhor, o cego é o senhor.

CEGO Vamo, ser guia de cego é uma boa profissão. Agora você vai passar bem, dormir em colchão de mola – é o ruim!

BASTIÃO É o ruim. – Dormir em colchão de esmola...

CEGO (*Sentado num caixote.*) Vai comer o que dá sustância, viver de barriga cheia. – Que era que você comia em casa?

BASTIÃO Eu? – Em casa eu num comia nadinha.

CEGO Mentira. – Se num comesse já tinha morrido. – Já viu saco seco se por em pé?

BASTIÃO (*Acocorado junto.*) E tu já visse saco seco?

CEGO Sabe o que é que tu vai comer mais eu? – Toicim no feijão...

⁸⁷ cambalhota.

⁸⁸ indivíduo alto, desajeitado, de pouco préstimo.

BASTIÃO (Sacode-se.) Eita.

CEGO Farofa de torreiro...

BASTIÃO (Sacode-se.) Eita.

CEGO Quer que eu diga o que você comia em casa? – Café com língua, cuzcuz e milho zarolho, feijão macassa, tudo seco, arranhando a goela...

BASTIÃO Arranhando a goela, com peixe... Pra num espinhar a goela, mãe comia o peixe e dava a eu o rabo... O senhor gosta de comer rabo?

CEGO Agora tu vai entrar na carne de jabá, mocotó, a graxa escorrendo, melando os dedo... Tu gosta de tripa?

BASTIÃO Mãe é que gosta de tripa – mãe é doida por uma tripa...

CEGO Só sendo doido mesmo... E de pão?

BASTIÃO Pia, cada pãozão... Abre o pão e bota a tripa, né? Bem que mãe disse... você mora naquela terra?

CEGO Que danada de terra é essa?

BASTIÃO – Uma terra... uma terra...
 – Tanto comer e beber...
 era as casa de pão doce
 ladrilhada de cocada
 as telha de rapadura
 o mar era de gelada...
 Os relampo dava leite...
 os trovão dava coalhada
 os xexo era confeito
 e o barro... goiabada.
 Tem cangica... imbuzada...
 cada tigelão de leite
 com farofa de bolão...
 que dá gosto se comer
 doce de lata e queijo,
 um pedaço, que, respeite,
 a gente come, come, come
 – té a barriga doer.

CEGO E tu na boa, hein? – Só tem que é tudo de mentira.

BASTIÃO A gente come tanta mentira, né? Mas...
 – Lá ninguém manda na gente,
 lá ninguém passa carão.
 Lá num tem pobre nem doido
 – lá tudo é irmão... irmão...

CEGO A estória tá muito bonita mas só quem acredita nela é você, que tem a cuca fodida...

BASTIÃO Só acredita eu, que o cu tá fodido, né, cego?

CEGO (Sai, puxando por Bastião, ambos cantando.)
 – Cidadão, dê-me uma esmola,

eu lhe peço com amor.
Por caridade lhe peço ,
cristão de Nosso Senhor...
(*Saem.*)

QUADRO 16

Filó

(*Filó entra alheia a tudo, entregue a sua dor.*)

FILÓ

– Tenho marido, fio e fia
mas tou sozinha, sei lá
o que vai ser da famia?
Tá tudo aí, espaiado,
fio pr'aqui, pr'ali fia
Nequinho nas mão dos soldado
e eu aqui, esbodegada,
a dor me tomando o folgo
bem no peito essa pontada...

(*Caminha indiferente aos que passam.*)

– Ai, meu deus, eu só magino
eu morrendo – o que vai ser
de Bastião, meu menino
que nem chegou a crescer...
No juízo, tão inocente
num sabe nem o que diz
como pode existir gente
que judeie com esse infeliz.

(*Senta no chão, cansada.*)

– Aí, que molambo de perna
Onde meu povo socou-se?
Queria juntar minha gente
por um minuto que fosse...
Se eu pudesse andar – andava...
pudesse correr - corria
pudesse voar – voava
até a delegacia
e, ajoelhada, implorava:
– Por caridade, soldado,
deixe Nequinho ir pra casa,
solte ele, seu delegado,
pra ir caçar a menina
que um safado carregou,

pra ir caçar o doidinho
que na feira se perdeu,
pra fazer o meu enterro
que... minha hora... chegou...
solte ele, seu... delegado...
solte ele... ele... ele...

(Cai no chão. Apito de caminhão; gente correndo apressada. Passa um casal e, vendo-a caída, fala.)

MULHER

Mas pia mesmo essa velha. Deve tá num bruto porre de cana.

HOMEM

E veio cair mesmo em frente ao cabaré da feira. – Será que ainda pretendia alguma coisa?

MULHER

Mas que cachaça braba! – Tá escutando o ronco? – Isso é uma vergonha. – Era bom que a perua da ronda passasse aqui e rebocasse ela pro xadrez. Velha mais escrota!

(Apitos insistentes do caminhão; feirantes correm apressados. A luz vai pouco a pouco se extinguindo, como se anoitecesse, deixando apenas um foco sobre a mulher imóvel. De repente, irrompe um baião, o mesmo que inicia a peça.)

FIM

Créditos

Módulo produzido pelo Canva



– Serra acima está Campina Grande
é a sua feira tem gente de toda
classe da primeira à derradeira.

– Tem gente besta e sabida
analfabeto e doutor suspirando
ombro a ombro segundo as leis do
Senhor.

Uns traz fardo na cabeça no balaio,
no caçoá trouxa, embrulho, saco,
cesta tudo serve é só pegar.

– Vem o caminhão roncando
carroceria entupida de gente que
compra, vende e sofre, mas ama a
vida.

– Se o pobre traz a esperança
escondida na cangalha traz o
malandro a peixeira onde a morte
se agasalha.

– De toda parte chegando honra e
desonra ele tem se uns vem pra ser
enganados os que engana também
vem.

– Noite se faz madrugada manhã,
tarde, anoitecer na feira – riso –
que é vida gemido – que é morrer.

Lourdes Ramalho



Universidade Estadual da Paraíba



